

SAMAEL AUN WEOR

**TRATADO DE
PSICOLOGIA
REVOLUCIONÁRIA**





“Não são as perdas nem as quedas que podem fazer fracassar nossas vidas, senão a falta de coragem para levantar e seguir em frente”

Samael Aun Weor

SUMÁRIO

1 O NÍVEL DE SER	5
2 A ESCADA MARAVILHOSA	8
3 REBELDIA PSICOLÓGICA	10
4 A ESSÊNCIA	12
5 ACUSAR A SI MESMO	14
6 A VIDA	16
7 O ESTADO INTERIOR	18
8 ESTADOS EQUIVOCADOS	20
9 ACONTECIMENTOS PESSOAIS	22
10 OS DIFERENTES EUS	24
11 O QUERIDO EGO	26
12 A TRANSFORMAÇÃO RADICAL	28
13 OBSERVADOR E OBSERVADO	30
14 PENSAMENTOS NEGATIVOS	32
15 A INDIVIDUALIDADE	35
16 O LIVRO DA VIDA	38
17 CRIATURAS MECÂNICAS	40
18 O PÃO SUPERSUBSTANCIAL	42
19 O BOM DONO DE CASA	44

20 OS DOIS MUNDOS.....	46
21 OBSERVAÇÃO DE SI MESMO.....	48
22A TAGARELICE.....	50
23 O MUNDO DAS RELAÇÕES.....	52
24 A CANÇÃO PSICOLÓGICA.....	54
25 RETORNO E RECORRÊNCIA.....	58
26 AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL.....	61
27 O PUBLICANO E O FARISEU.....	63
28 A VONTADE.....	67
29 A DECAPITAÇÃO.....	71
30 O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE.....	77
31 O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO.....	82
32 A ORAÇÃO NO TRABALHO.....	84
Biblioteca Gnóstica.....	88

1 O NÍVEL DE SER

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Para que vivemos? Por que vivemos?

Inquestionavelmente, o pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não só não sabe, como, além disso, sequer sabe que não sabe.

O pior de tudo é a situação tão difícil e tão estranha em que nos encontramos: ignoramos o segredo de todas as nossas tragédias, no entanto, estamos convencidos de que sabemos tudo.

Transporte um mamífero racional, uma dessas pessoas que na vida se presumem influentes, ao centro do deserto do Saara; deixe-o ali, longe de qualquer oásis, e observe de uma nave aérea tudo o que acontece.

Os fatos falarão por si mesmos. O “humanoide intelectual”, ainda que se presuma de forte e se ache muito homem, no fundo é espantosamente débil.

O animal racional é cem por cento tolo; pensa o melhor de si mesmo; acredita que pode se desenvolver maravilhosamente através do jardim de infância, manuais de etiqueta social, escolas primária e secundária, bacharelato, universidade, do bom prestígio do papai etc.

Infelizmente, por trás de tantas letras e bons modos, títulos e dinheiro, bem sabemos que qualquer dor de estômago nos entristece, e que no fundo continuamos sendo infelizes e miseráveis.

Basta ler a *História Universal* para saber que somos os mesmos bárbaros de outrora, e que, em vez de melhorar, nos tornamos piores.

Este século 20, com todos os seus espetáculos de guerras, prostituição, sodomia em escala mundial, degeneração sexual, drogas, álcool, crueldade exorbitante, perversidade extrema, monstrosidade etc., é o espelho no qual devemos nos olhar. Não existe, pois, razão suficiente para jactar-nos de haver chegado a uma etapa superior de desenvolvimento.

Pensar que o tempo significa progresso é absurdo; desgraçadamente, os ignorantes ilustrados continuam engarrafados no dogma da evolução.

Em todas as páginas negras da “negra história” encontramos sempre as mesmas horrorosas crueldades, ambições, guerras etc.

Contudo, nossos contemporâneos “supercivilizados” estão convencidos de que isso de guerra é algo secundário, um acidente passageiro que nada tem a ver

com sua cacarejada “civilização moderna”.

Certamente, o que importa é a maneira de ser de cada pessoa; alguns sujeitos serão bêbados, outros abstêmios, aqueles honrados e estes sem-vergonha; de tudo há na vida.

A massa é a soma dos indivíduos; o que é o indivíduo é a massa, é o governo etc.

A massa é, pois, a extensão do indivíduo; não é possível a transformação das massas, dos povos, se o indivíduo, se cada pessoa, não se transforma.

Ninguém pode negar que existem distintos níveis sociais; existem pessoas de igreja e as de prostíbulo, do comércio e do campo etc.

Assim, existem também diferentes Níveis de Ser. O que internamente somos, esplêndidos ou mesquinhos, generosos ou tacanhos, violentos ou tranquilos, castos ou luxuriosos, atraí as diversas circunstâncias da vida.

Um luxurioso atrairá sempre cenas, dramas e até tragédias de lascívia, nas quais se envolverá.

Um bêbado atrairá outros bêbados, e se verá sempre em bares e cantinas, isso é óbvio.

O que atrairá o usurário? O egoísta? Quantos problemas? Prisões? Desgraças? Entretanto, as pessoas amarguradas, cansadas de sofrer, têm desejo de mudar, passar a página de sua história.

Pobres pessoas! Querem mudar e não sabem como: não conhecem o procedimento; encontram-se em um beco sem saída.

O que lhes aconteceu ontem lhes acontece hoje e lhes acontecerá amanhã; repetem sempre os mesmos erros e não aprendem as lições da vida, nem a pauladas.

Todas as coisas se repetem em sua própria vida; dizem as mesmas coisas, fazem as mesmas coisas, lamentam as mesmas coisas.

Essa repetição tediosa de dramas, comédias e tragédias continuará enquanto carreguemos em nosso interior os elementos indesejáveis da ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça, gula etc.

Qual é nosso nível moral? Ou, melhor diríamos, qual é nosso Nível de Ser? Enquanto o Nível de Ser não mudar radicalmente, continuará a repetição de todas as nossas misérias, cenas, desgraças e infortúnios.

Todas as coisas, todas as circunstâncias que acontecem fora de nós, no cenário deste mundo, são exclusivamente o reflexo do que interiormente levamos.

Com justa razão podemos afirmar, solenemente, que “o exterior é o reflexo do interior”.

Quando alguém muda interiormente e tal mudança é radical, o exterior, as circunstâncias, a vida, transformam-se também.

Estive observando recentemente (1974) um grupo de pessoas que invadiram um terreno alheio. Aqui no México, tais pessoas recebem o curioso qualificativo de “paraquedistas”.

São vizinhos da colônia campestre de Churubusco, estão muito perto de minha casa, motivo pelo qual pude estudá-los de perto.

Ser pobre jamais será um delito, mas o grave não está nisso, mas em seu Nível de Ser.

Diariamente lutam entre si, embebedam-se, insultam-se mutuamente, convertem-se em assassinos de seus próprios companheiros de infortúnio; vivem, certamente, em imundos casebres, dentro dos quais em vez do amor reina o ódio.

Muitas vezes pensei que, se qualquer indivíduo desses eliminasse de seu interior o ódio, a ira, a luxúria, a embriaguês, a maledicência, a crueldade, o egoísmo, a calúnia, a inveja, o amor-próprio, o orgulho etc., agradaria a outras pessoas e se associaria, por uma simples Lei de Afinidades Psicológicas, com pessoas mais refinadas, mais espiritualizadas; essas novas relações seriam definitivas para uma mudança econômica e social. Seria esse o sistema que permitiria a tal indivíduo abandonar o “chiqueiro”, a “cloaca” imunda.

Assim, pois, se realmente queremos uma mudança radical, o que devemos compreender primeiro é que cada um de nós (seja branco ou negro, seja amarelo ou vermelho, ignorante ou culto etc.) está em tal ou qual “Nível de Ser”.

Qual é o nosso Nível de Ser? Haveis refletido alguma vez sobre isso? Não seria possível passar a outro nível se ignoramos o estado em que nos encontramos.

2 A ESCADA MARAVILHOSA

Temos de aspirar a uma mudança verdadeira, sair desta rotina tediosa, desta vida meramente mecanicista, cansativa.

O que devemos compreender, primeiro, com inteira claridade é que cada um de nós, seja burguês, seja proletário, acomodado ou da classe média, rico ou miserável, se encontra realmente em tal ou qual Nível de Ser.

O Nível de Ser do bêbado é diferente daquele do abstinente, o da prostituta muito diferente do da donzela. Isso que estamos dizendo é irrefutável, irrefutável.

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, podemos imaginar uma escada, que se estende de baixo a cima, verticalmente, com muitíssimos degraus.

Inquestionavelmente, em algum desses degraus nos encontramos; degraus abaixo haverá pessoas piores que nós; degraus acima encontraremos pessoas melhores que nós.

Nessa Vertical extraordinária, nessa escada maravilhosa, é claro que podemos encontrar todos os Níveis de Ser. Cada pessoa é diferente, e isso ninguém pode negar.

Não estamos falando de caras feias ou bonitas, tampouco se trata de questão de idade. Há pessoas jovens e velhas, anciões que já estão para morrer e meninos recém-nascidos.

A questão do tempo e dos anos, isso de nascer, crescer, desenvolver-se, casar-se, reproduzir-se, envelhecer e morrer, é exclusivo da Horizontal.

Na “Escada Maravilhosa”, na Vertical, o conceito de tempo não cabe. Nos degraus de tal escala só podemos encontrar Níveis de Ser.

A esperança mecânica das pessoas não serve para nada. Acreditam que com o tempo as coisas serão melhores; assim pensavam nossos avós e bisavós; os fatos vieram demonstrar precisamente o contrário.

O Nível de Ser é o que conta, e isto é Vertical; encontramos-nos em um degrau, mas podemos subir a outro degrau.

A Escada Maravilhosa de que estamos falando, e que se refere aos distintos Níveis de Ser, certamente nada tem a ver com o tempo linear.

Um Nível de Ser mais alto está imediatamente acima de nós de instante em instante.

Não está em nenhum remoto futuro horizontal, mas aqui e agora, dentro de nós mesmos, na Vertical.

É evidente, e qualquer um pode compreender, que as duas linhas, Horizontal e Vertical, se encontram a cada momento em nosso interior psicológico e formam uma Cruz.

A Personalidade manifesta-se e desenvolve-se na linha Horizontal da Vida.

Nasce e morre dentro de seu tempo linear, é perecedora. Não existe um amanhã para a personalidade do morto; não é o Ser.

Os Níveis de Ser, o próprio Ser, não são do tempo, nada têm a ver com a linha Horizontal; encontra-se dentro de nós mesmos, agora, na Vertical.

Evidentemente, seria absurdo buscar o nosso próprio Ser fora de nós mesmos.

Podemos afirmar, como corolário, o seguinte: títulos, graus, ascensões etc.

no mundo físico exterior de modo algum poderiam originar exaltação autêntica, revalorização do Ser, passagem a um degrau superior nos Níveis de Ser.

3 REBELDIA PSICOLÓGICA

Queremos recordar a nossos leitores de que existe um ponto matemático dentro de nós mesmos.

Inquestionavelmente, tal ponto jamais se encontra no passado, tampouco no futuro. Quem quiser descobrir esse ponto misterioso deve buscá-lo aqui e agora, dentro de si mesmo, exatamente neste instante, nem um segundo depois, nem um segundo antes.

Os dois paus, o Vertical e o Horizontal da Santa Cruz, encontram-se nesse ponto.

Encontramo-nos, pois, de instante em instante diante de dois Caminhos: o Horizontal e o Vertical.

É evidente que o Horizontal é muito comum: por ele andam “Vicente e toda gente”, “o senhor Raimundo e todo mundo”.

O Caminho Vertical é diferente: é o caminho dos rebeldes inteligentes, dos Revolucionários.

Quando alguém lembra de si mesmo, quando trabalha sobre si mesmo, quando não se identifica com todos os problemas e sofrimentos da vida, está de fato trilhando a Senda Vertical.

Certamente, jamais será tarefa fácil eliminar as emoções negativas, perder toda identificação com nosso próprio “trem da vida”, problemas de todo tipo, negócios, dívidas, pagamento de boletos, hipotecas, telefone, água, luz etc.

Os desempregados, aqueles que por qualquer motivo perderam o emprego, o trabalho, evidentemente sofrem por falta de dinheiro, e esquecer seu caso, não se preocupar nem se identificar com o próprio problema, de fato é espantosamente difícil.

Aqueles que sofrem, aqueles que choram, aqueles que foram vítimas de alguma traição na vida, de uma ingratidão, de uma calúnia ou de alguma fraude, realmente se esquecem de si mesmos, de seu Real Ser Íntimo; identificam-se completamente com sua tragédia moral.

O trabalho sobre si mesmo é a característica fundamental do Caminho Vertical. Ninguém poderia trilhar a Senda da Grande RebelDIA se jamais trabalhasse sobre si mesmo. O trabalho a que estamos nos referindo é de tipo psicológico; ocupa-se de certa transformação do momento presente em que nos encontramos. Necessitamos aprender a viver de instante a instante.

Por exemplo, uma pessoa que se encontra desesperada por algum problema sentimental, econômico ou político, obviamente esqueceu de si mesma.

Se tal pessoa se detém por um instante, se observa a situação e trata de recordar a si mesma e depois se esforça por compreender o sentido de sua atitude... Se reflete um pouco, se pensa no fato de que tudo passa, de que a vida é ilusória, fugaz, de que a morte reduz a cinzas todas as vaidades do mundo... Se compreende que seu problema não é, no fundo, mais do que fogo de palha, um fogo-fátuo que logo se apagará, verá imediatamente, com surpresa, que tudo se transformou.

Transformar reações mecânicas é possível mediante a confrontação lógica e a Autorreflexão Íntima do Ser. É evidente que as pessoas reagem mecanicamente diante das diversas circunstâncias da vida.

Pobres pessoas! Costumam sempre converter-se em vítimas. Sorriem quando alguém as adula, sofrem quando alguém as humilha. Insultam se são insultadas, ferem quando são feridas, nunca são livres; seus semelhantes têm o poder de levá-las da alegria à tristeza, da esperança ao desespero.

Cada pessoa dessas que vão pelo Caminho Horizontal se parece com um instrumento musical, onde cada um de seus semelhantes toca o que bem deseja.

Quem aprende a transformar as relações mecânicas vai, de fato, pelo Caminho Vertical.

Isso representa uma mudança fundamental no Nível de Ser, resultado extraordinário da Rebeldia Psicológica.

4 A ESSÊNCIA

O que torna bela e adorável toda criança recém-nascido é sua Essência; esta constitui-se, em si mesma, em sua verdadeira realidade.

O crescimento normal da Essência é, certamente, em toda criatura muito residual, incipiente.

O corpo humano cresce e se desenvolve de acordo com as leis biológicas da espécie. Entretanto, tais possibilidades são, por si mesmas, muito limitadas para a Essência. Inquestionavelmente, a Essência só pode crescer por si mesma, sem ajuda, em um grau muito pequeno.

Falando francamente, diremos que o crescimento espontâneo e natural da Essência só é possível durante os primeiros três ou quatro anos de idade, isto é, na primeira etapa da vida.

Em geral, pensa-se que o crescimento e o desenvolvimento da Essência se realizam de forma contínua, de acordo com a mecânica da Evolução; mas o Gnosticismo Universal ensina claramente que isso não ocorre assim.

A fim de que a Essência cresça mais, algo muito especial deve acontecer, há de se realizar algo novo.

Quero me referir, de forma enfática, ao trabalho sobre si mesmo. O desenvolvimento da Essência só é possível à base de trabalhos conscientes e sofrimentos voluntários.

É necessário compreender que esses trabalhos não se referem a questões de profissão, bancos, carpintaria, serralheria, conserto de linhas férreas ou assuntos de escritório.

Esse trabalho é para toda pessoa que tenha desenvolvido a Personalidade; trata-se de algo psicológico.

Todos nós sabemos que temos dentro de nós mesmos isso que se chama Ego, Eu, Mim Mesmo, Si Mesmo.

Desgraçadamente, a Essência encontra-se engarrafada dentro do Ego, e isso é lamentável.

Dissolver o eu psicológico, desintegrar seus elementos indesejáveis, é urgente, inadiável, impostergável. Esse é o sentido do trabalho sobre si mesmo.

Nunca poderemos libertar a Essência sem desintegrar previamente o eu psicológico.

Na Essência estão a Religião, o Buda, a Sabedoria, as partículas de dor de nosso Pai que está nos Céus e todos os dados de que necessitamos para a

Autorrealização Íntima do Ser.

Ninguém poderia aniquilar o eu psicológico sem eliminar previamente os elementos inumanos que trazemos dentro de nós.

Necessitamos reduzir a cinzas a crueldade monstruosa destes tempos, a inveja, que desgraçadamente veio a converter-se na mola secreta de nossas ações, a cobiça insuportável que tornou a vida tão amarga, a asquerosa maledicência, a calúnia que tantas tragédias origina, a embriaguês, a imunda luxúria que age tão mal etc.

À medida que todas essas abominações forem sendo reduzidas a poeira cósmica, a Essência, além de emancipar-se, crescerá e se desenvolverá harmoniosamente.

Inquestionavelmente, quando o eu psicológico morre, resplandece em nós a Essência.

A Essência livre confere-nos beleza íntima, e de tal beleza emanam a felicidade perfeita e o verdadeiro Amor.

A Essência possui múltiplos sentidos de perfeição e extraordinários poderes naturais.

Quando “morremos em nós mesmos”, quando dissolvemos o eu psicológico, desfrutamos dos preciosos sentidos e poderes da Essência.

5 ACUSAR A SI MESMO

A Essência que cada um de nós traz em seu interior vem do Alto, do céu, das estrelas.

Inquestionavelmente, a Essência maravilhosa provém da nota Lá (a Via-Láctea, a galáxia em que vivemos).

A Essência preciosa passa através da nota Sol (o Sol), a seguir pela nota Fá (a zona planetária), entra neste mundo e penetra em nosso próprio interior.

Nossos pais criaram o corpo apropriado para a recepção dessa Essência, que vem das estrelas.

Trabalhando intensamente sobre nós mesmos e sacrificando-nos por nossos semelhantes, regressaremos vitoriosos ao seio profundo de Urânia.

Estamos vivendo neste mundo por algum motivo, para algo, por algum fator especial.

Obviamente, há em nós muitas coisas que devemos ver, estudar, compreender, se é que em realidade ansiamos saber algo sobre nós mesmos, sobre nossa própria vida.

Trágica é a existência daquele que morre sem haver conhecido o motivo de sua vida.

Cada um de nós deve descobrir, por si mesmo, o sentido de sua própria vida, aquilo que o mantém prisioneiro no cárcere da dor.

Evidentemente, existe em cada um de nós algo que nos amarga a vida e contra o qual necessitamos lutar firmemente.

Não é indispensável que continuemos na desgraça; é inadiável reduzir a poeira cósmica isso que nos faz tão fracos e infelizes.

De nada serve envaidecer-nos com títulos, honras, diplomas, dinheiro, inútil raciocínio subjetivo, costumeiras virtudes etc.

Não devemos esquecer jamais que a hipocrisia e as tolas vaidades da falsa personalidade nos fazem torpes, rançosos, retardatários, reacionários, incapazes para ver o novo.

A morte tem muitos significados, tanto positivos quanto negativos.

Consideremos aquela magnífica observação do Grande Cabir Jesus, o Cristo: “Que os mortos sepulsem os seus mortos”. Muitas pessoas, ainda que vivam, estão de fato mortas para todo possível trabalho sobre si mesmas, e, por conseguinte, para qualquer transformação íntima. São pessoas engarrafadas em seus dogmas e crenças; pessoas petrificadas nas recordações de muitos

passados; indivíduos cheios de preconceitos ancestrais; pessoas escravas “do que os outros vão dizer”, espantosamente túbias, indiferentes, às vezes “sabichonas”, convencidas de estar com a verdade porque assim o disseram etc.

Essas pessoas não querem entender que este mundo é um “Ginásio Psicológico”, mediante o qual será possível aniquilar essa feiura secreta que todos carregamos dentro de nós.

Se essas pobres pessoas compreendessem o estado tão lamentável em que se encontram tremeriam de horror.

No entanto, tais pessoas pensam sempre de si mesmas o melhor; orgulham-se de suas virtudes, sentem-se perfeitas, bondosas, serviçais, nobres, caridosas, inteligentes, cumpridoras de seus deveres etc.

A vida prática como escola é formidável, mas tomá-la como um fim em si mesma é manifestamente absurdo. Aqueles que tomam a vida em si mesma, tal como se vive diariamente, não compreendem a necessidade de trabalhar sobre si mesmos para conseguir uma “transformação radical”.

Desgraçadamente, as pessoas vivem mecanicamente, nunca ouviram falar sobre o trabalho interior. Mudar é necessário, mas as pessoas não sabem como, sofrem muito e nem sequer sabem por que sofrem.

Ter dinheiro não é tudo. A vida de muitas pessoas ricas costuma ser verdadeiramente trágica.

6 A VIDA

No terreno da vida prática, sempre descobrimos contrastes que assombam. Pessoas endinheiradas, possuindo magníficas residências e muitas amizades, às vezes sofrem espantosamente.

Humildes operários da pá e da picareta, ou pessoas da classe média, vivem às vezes em completa felicidade.

Muitos arquimilionários sofrem de impotência sexual, e ricas senhoras choram amargamente a infelicidade do marido.

Os ricos da Terra se parecem com abutres dentro de gaiolas de ouro, e atualmente não podem viver sem guarda-costas. Os homens de Estado arrastam correntes, nunca estão livres, andam por todos os lados rodeados de homens armados até os dentes.

Estudemos essa situação mais detidamente. Necessitamos saber o que é a vida. Cada um é livre para opinar como queira.

Digam o que disserem, certamente ninguém sabe nada, a vida é um problema que ninguém entende.

Quando as pessoas desejam contar-nos gratuitamente a história de sua vida, citam acontecimentos, nomes e sobrenomes, datas etc. e sentem satisfação ao fazer seus relatos.

Essas pobres pessoas ignoram que seus relatos estão incompletos, porque eventos, nomes e datas são apenas o aspecto externo do filme; falta o aspecto interno.

É urgente conhecer os “estados de consciência”: a cada evento corresponde tal ou qual estado anímico.

Os estados são interiores e os eventos são exteriores; os acontecimentos externos não são tudo.

Entende-se por estados interiores as boas ou más disposições, as preocupações, a depressão, a superstição, o temor, a suspeita, a misericórdia, a autoconsideração, a superestimação de si mesmo; estados de felicidade, estados de gozo etc.

Inquestionavelmente, os estados interiores podem corresponder-se exatamente com os acontecimentos exteriores, podem ser originados por estes, ou não ter relação alguma com os mesmos.

De qualquer modo, estados e eventos são diferentes. Nem sempre os eventos se correspondem exatamente com estados afins.

O estado interior de um evento agradável poderia não se corresponder com o mesmo.

O estado interior de um evento desagradável também poderia não se corresponder com o mesmo.

Quando surgiram acontecimentos aguardados durante muito tempo, muitas vezes sentimos que faltava algo.

E, frequentemente, o acontecimento que não esperávamos veio a ser o que melhores momentos nos proporcionou.

7 O ESTADO INTERIOR

Combinar estados interiores com acontecimentos exteriores, de forma correta, é saber viver inteligentemente.

Qualquer evento inteligentemente vivenciado exige seu correspondente estado interior específico.

Porém, infelizmente, as pessoas, quando revisam sua vida, pensam que esta é formada exclusivamente por eventos exteriores.

Pobres pessoas! Pensam que, se tal ou qual acontecimento não lhes houvesse sucedido, sua vida teria sido melhor.

Supõem que a sorte veio ao seu encontro, e que perderam a oportunidade de ser felizes.

Lamentam o perdido, choram o que desprezaram, gemem recordando velhos tropeços e calamidades.

Não querem dar-se conta de que vegetar não é viver, e de que a capacidade para existir conscientemente depende exclusivamente da qualidade dos estados interiores da Alma.

Certamente, não importa quão formosos sejam os acontecimentos externos da vida, se não nos encontramos em tais momentos no estado interior apropriado. Os melhores eventos podem parecer-nos monótonos, cansativos, ou simplesmente tediosos.

Alguém aguarda com ansiedade a festa de casamento; é um acontecimento, mas poderia suceder que estivesse tão preocupado no momento preciso do evento que realmente não encontrasse nele nenhum deleite, e que tudo aquilo se tornasse tão árido e frio como um protocolo.

A experiência nos ensinou que nem todas as pessoas que assistem a um banquete ou a um baile se divertem de verdade.

Nunca falta um aborrecido no melhor dos festejos, e as peças mais deliciosas alegam a uns e fazem chorar a outros.

Muito raras são as pessoas que sabem combinar conscientemente o evento externo com o estado interno apropriado.

É lamentável que as pessoas não saibam viver conscientemente: choram quando devem ir e riem quando devem chorar.

Controle é diferente: o sábio pode estar alegre, mas nunca cheio de louco frenesi; triste, mas nunca desesperado e abatido; sereno no meio da violência; abstêmio na orgia; casto em meio à luxúria etc.

As pessoas melancólicas e pessimistas pensam da vida o pior, francamente não desejam viver.

Todos os dias vemos pessoas que não somente são infelizes, como, além disso, e o que é o pior, fazem também amarga a vida dos demais.

Gente assim não mudaria nem vivendo diariamente de festa em festa; carregam a doença psicológica em seu interior. Tais pessoas possuem estados íntimos definitivamente perversos.

Não obstante, esses indivíduos se autoqualificam como justos, santos, virtuosos, nobres, serviçais, mártires etc.

São pessoas que se autoconsideram demasiadamente; pessoas que estimam muito a si mesmas, indivíduos que se apiedam muito de si mesmos e que sempre buscam escapatórias para fugir de suas próprias responsabilidades.

Pessoas assim estão acostumadas às emoções inferiores, e é evidente que por tal motivo criam diariamente elementos psíquicos infra-humanos.

Os eventos desgraçados, os reveses de fortuna, miséria, dívidas, problemas etc. são exclusivamente daquelas pessoas que não sabem viver.

Qualquer um pode formar uma rica cultura intelectual, mas são muito poucas as pessoas que aprenderam a viver retamente.

Quando alguém quer separar os eventos exteriores dos estados interiores da consciência demonstra concretamente sua incapacidade para existir dignamente.

Aqueles que aprendem a combinar conscientemente eventos exteriores e estados interiores marcham pelo caminho do êxito.

8 ESTADOS EQUIVOCADOS

Inquestionavelmente, na rigorosa observação do Mim Mesmo, é inadiável fazer uma completa diferenciação lógica entre os acontecimentos exteriores da vida prática e os estados íntimos da consciência.

Necessitamos, com urgência, saber onde estamos situados em dado momento, tanto em relação ao estado íntimo da consciência quanto à natureza específica do acontecimento exterior que nos está acontecendo.

A vida é, em si mesma, uma série de acontecimentos que se processam através do tempo e do espaço.

Alguém disse: “A vida é uma cadeia de martírios que o homem leva enredada na Alma”.

Cada um tem liberdade de pensar como quiser, eu creio que aos efêmeros prazeres de um instante fugaz sucedem-se sempre o desencanto e a amargura.

Cada acontecimento tem seu sabor característico especial, e os estados interiores são também de diversos tipos; isto é irrefutável.

Certamente, o trabalho interior, sobre si mesmo, refere-se aos diversos estados psicológicos da consciência.

Ninguém poderia negar que carregamos, em nosso interior, muitos erros, e que existem estados equivocados.

Se realmente queremos mudar, necessitamos, com urgência máxima e inadiável, modificar radicalmente esses estados equivocados da consciência.

A modificação absoluta dos estados equivocados origina transformações completas no terreno da vida prática.

Quando alguém trabalha seriamente sobre os estados equivocados, obviamente os acontecimentos desagradáveis da vida já não podem feri-lo tão facilmente.

Estamos dizendo algo que só é possível compreender vivenciando-o, sentindo-o realmente no próprio terreno dos fatos.

Quem não trabalha sobre si mesmo é sempre vítima das circunstâncias; é como um mísero pedaço de madeira nas águas tormentosas do oceano.

Os acontecimentos mudam incessantemente em suas múltiplas combinações, vêm um após outro em ondas; são influências.

Certamente, existem bons e maus acontecimentos; alguns eventos serão

melhores ou piores do que outros.

Modificar certos eventos é possível; alterar resultados, modificar situações etc. está certamente dentro das possibilidades.

Mas existem, de fato, situações que não podem ser alteradas. Nestes últimos casos devem ser aceitas conscientemente, ainda que algumas sejam muito dolorosas e até perigosas.

Inquestionavelmente, a dor desaparece quando não nos identificamos com o problema que se apresentou.

Devemos considerar a vida como uma série sucessiva de estados interiores; uma história autêntica de nossa vida em particular está formada por todos esses estados.

Ao revisar a totalidade de nossa própria existência, podemos verificar por nós mesmos, de forma direta, que muitas situações desagradáveis foram possíveis graças a estados interiores equivocados.

Alexandre o Grande, ainda que sempre tenha sido temperado por natureza, entregou-se por orgulho aos excessos que lhe produziram a morte.

Francisco I morreu por causa de um adultério sujo e abominável, que a história ainda recorda muito bem.

Quando Marat foi assassinado por uma monja perversa, morria de orgulho e inveja e acreditava-se absolutamente justo.

As damas do Parque dos Servos, inquestionavelmente, acabaram totalmente com a vitalidade do espantoso fornicário chamado Luís XV.

Muitas são as pessoas que morrem por ambição, ira ou ciúmes; isto o sabem muito bem os psicólogos.

Quando nossa vontade se confirma irrevogavelmente em uma tendência absurda, nos convertemos em candidatos ao cemitério.

Otelo, devido aos ciúmes, converteu-se em assassino, e a prisão está cheia de equivocados sinceros.

9 ACONTECIMENTOS PESSOAIS

Torna-se inadiável a plena auto-observação íntima do Mim Mesmo, quando se trata de descobrir estados psicológicos equivocados.

Inquestionavelmente, os estados psicológicos equivocados podem ser corrigidos mediante procedimentos corretos.

Como a vida interior é o ímã que atrai os eventos exteriores, necessitamos com a máxima urgência eliminar de nossa psique os estados psicológicos errôneos.

Corrigir estados psicológicos equivocados é indispensável quando se quer alterar fundamentalmente a natureza de certos eventos indesejáveis.

Alterar nossa relação com determinados eventos é possível se eliminamos de nosso interior certos estados psicológicos absurdos.

Situações exteriores destrutivas poderiam se converter em inofensivas e até construtivas mediante a inteligente correção dos estados interiores errôneos.

Alguém pode mudar a natureza dos eventos desagradáveis que lhe ocorrem quando se purifica intimamente.

Quem jamais corrige os estados psicológicos absurdos, crendo-se muito forte, converte-se em vítima das circunstâncias.

Pôr ordem em nossa desordenada casa interior é vital quando se deseja mudar o curso de uma existência infeliz.

As pessoas que se queixam de tudo sofrem, choram e protestam, gostariam de mudar de vida, sair do infortúnio em que se encontram; infelizmente, não trabalham sobre si mesmas.

Não querem se dar conta de que a vida interior atrai circunstâncias exteriores, e que se estas são dolorosas, isto se deve aos estados interiores absurdos.

O exterior é apenas o reflexo do interior; quem muda interiormente origina uma nova ordem de coisas.

Os eventos exteriores jamais poderiam ser tão importantes quanto o modo de reagir ante os mesmos.

Permanecestes sereno ante o insultador? Recebestes com agrado as manifestações desagradáveis de vossos semelhantes?

De que maneira reagistes ante a infidelidade do ser amado? Deixaste-vos levar pelo veneno dos ciúmes? Matastes? Estais na prisão?

Os hospitais, os cemitérios e as prisões estão cheios de equivocados sinceros, que reagiram de forma absurda ante os eventos exteriores.

A melhor arma que um homem pode usar na vida é um estado psicológico

correto.

Pode-se desarmar feras e desmascarar traidores mediante estados interiores apropriados.

Os estados interiores equivocados convertem-se em vítimas indefesas da perversidade humana.

Aprende a enfrentar os acontecimentos mais desagradáveis da vida prática com uma atitude interior apropriada.

Não vos identifiqueis com os acontecimentos mais desagradáveis da vida prática com uma atitude interior apropriada.

Não vos identifiqueis com acontecimento algum; recordai que tudo passa; aprendei a ver a vida como um filme e recebereis os benefícios.

Não esqueçais que acontecimentos sem nenhum valor poderiam vos levar à desgraça se não eliminardes de vossa Psique os estados interiores equivocados.

Cada evento exterior necessita, inquestionavelmente, da senha apropriada, ou seja, do estado psicológico preciso.

10 OS DIFERENTES EUS

O mamífero racional, equivocadamente chamado homem, realmente não possui uma individualidade definida.

Inquestionavelmente, essa falta de unidade psicológica no humanoide é a causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, a menos que esteja doente.

Entretanto, a vida interior do humanoide de modo algum é uma unidade psicológica.

O mais grave de tudo isso, a despeito do que digam as diversas escolas de tipo pseudoesotérico e pseudo-ocultista, é a ausência de organização psicológica no fundo íntimo de cada sujeito.

Certamente, em tais condições, não existe trabalho harmonioso, como um todo, na vida interior das pessoas.

O humanoide, no que diz respeito a seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, uma soma de eus.

Os ignorantes ilustrados desta época tenebrosa rendem culto ao eu, endeusam-no, colocam-no nos altares, chamam-no “Alter Ego”, “Eu Superior”, “Eu Divino” etc.

Não querem dar-se conta, os “sabichões” desta idade negra em que vivemos, de que Eu Superior ou Eu Inferior são duas seções do mesmo Ego pluralizado.

O humanoide não tem, certamente, um “Eu Permanente”, mas uma multidão de diferentes eus infra-humanos e absurdos.

O pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem, onde, em vez de um único chefe, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que lhes vem à cabeça.

O maior erro do pseudoesoterismo e do pseudo-ocultismo baratos é supor que os outros possuem ou que se tem um “eu permanente e imutável”, sem princípio e sem fim.

Se esses que assim pensam despertassem a consciência, ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar claramente, por si mesmos, que o humanoide racional nunca é o mesmo por muito tempo.

O mamífero intelectual, do ponto de vista psicológico, muda continuamente.

Pensar que se uma pessoa se chama Luiz é sempre Luiz é como uma brincadeira de muito mau gosto.

Esse sujeito, a quem se chama Luiz, tem em si mesmo outros eus, outros egos que se expressam através de sua personalidade em diferentes momentos, e, ainda que o Luiz não goste da cobiça, outro eu nele, chamemo-lhe Pepe, gosta da cobiça, e assim sucessivamente.

Nenhuma pessoa é a mesma de forma contínua. Realmente, não é necessário ser muito sábio para dar-se conta cabal das inúmeras mudanças e contradições de cada indivíduo.

Supor que alguém possui um eu permanente e imutável equivale a um abuso para com o próximo e para consigo mesmo.

Dentro de cada pessoa vivem muitas pessoas, muitos eu, isto o pode verificar, por si mesmo e de forma direta, qualquer pessoa desperta, consciente.

11 O QUERIDO EGO

Considerando que “superior” e “inferior” são duas seções de uma mesma coisa, pode-se deduzir o seguinte corolário: “eu superior” e “eu inferior” são dois aspectos do mesmo ego tenebroso e pluralizado.

O denominado eu divino ou eu superior, alter ego ou algo parecido, é certamente uma evasiva do Mim Mesmo, uma forma de autoengano.

Quando o eu quer continuar aqui e no além, se autoengana com o falso conceito de um eu divino imortal.

Nenhum de nós tem um eu verdadeiro, permanente, imutável, eterno, infável etc.

Nenhum de nós tem, na verdade, uma verdadeira e autêntica Unidade de Ser; infelizmente, nem sequer possuímos uma legítima individualidade.

O Ego, ainda que continue além do túmulo, tem, no entanto, um princípio e um fim.

O Ego nunca é algo individual, unitário, unitotal. Obviamente, o eu são eus.

No Tibete Oriental, os eus são denominados “Agregados Psíquicos” ou simplesmente “Valores”, sejam estes últimos positivos ou negativos.

Se pensamos em cada eu como uma pessoa diferente, podemos asseverar de forma enfática o seguinte: “Dentro de cada pessoa que vive no mundo existem muitas pessoas”.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas diferentes, algumas melhores, outras piores.

Cada um desses eus, cada uma dessas pessoas, luta pela supremacia, quer ser exclusiva, controla o cérebro intelectual ou os centros emocional e motor cada vez que pode, até que outro o substitui.

A Doutrina dos Muitos Eus foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros clarividentes, pelos autênticos Iluminados.

Cada um de nossos defeitos psicológicos está personificado em tal ou qual Eu. Considerando que temos milhares e até milhões de defeitos, é evidente que vive muita gente em nosso interior.

Em questões psicológicas, pudemos evidenciar claramente que os paranoicos, os ególatras e os mitômanos por nada na vida abandonariam o culto do querido ego.

Inquestionavelmente, tais pessoas odeiam mortalmente a doutrina dos muitos eus.

Quando alguém quer conhecer de verdade a si mesmo deve auto-observar-se e tratar de conhecer os diferentes Eus que estão radicados em sua personalidade. Se algum de nossos leitores não compreende essa doutrina dos muitos Eus, deve-se exclusivamente à falta de prática em matéria de auto-observação. À medida que alguém pratica a auto-observação interior, vai descobrindo, por si mesmo, as muitas pessoas, os muitos eus que vivem dentro de sua própria personalidade.

Aqueles que negam a doutrina dos muitos eus, aqueles que adoram um eu divino, indubitavelmente jamais se auto-observaram seriamente. Falando em estilo socrático, diremos que essas pessoas não só ignoram como, além disso, ignoram que ignoram.

Certamente, jamais poderíamos conhecer a nós mesmos sem a auto-observação séria e profunda.

Enquanto uma pessoa continue considerando-se como Um, é claro que qualquer transformação interior será totalmente impossível.

12 A TRANSFORMAÇÃO RADICAL

Enquanto um homem prosseguir com o erro de crer-se Um, Único, Individual, é evidente que a mudança radical será algo mais que impossível.

O fato mesmo de que o trabalho esotérico começa com a rigorosa observação de nós mesmos está nos indicando uma multiplicidade de fatos psicológicos, eus ou elementos indesejáveis que é urgente extirpar, erradicar de nosso interior.

Inquestionavelmente, de modo algum seria possível eliminar erros desconhecidos.

Urge observar previamente aquilo que queremos separar de nossa Psique. Esse tipo de trabalho não é externo, mas interno, e aqueles que pensem que qualquer manual de etiqueta ou sistema ético externo e superficial poderá levá-los ao êxito estarão de fato totalmente equivocados.

O fato concreto e definido de que o trabalho íntimo se inicia com a atenção concentrada na observação plena de si mesmo é motivo mais do que suficiente para demonstrar que isso exige um esforço pessoal muito particular de cada um de nós.

Falando francamente, asseveramos enfaticamente o seguinte: nenhum ser humano poderia fazer esse tipo de trabalho por nós.

Não é possível mudança alguma em nossa Psique sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro de nós.

Aceitar simplesmente a multiplicidade de erros, descartando a necessidade de estudo e observação direta dos mesmos, significa de fato uma evasiva ou escapatória, uma fuga de si mesmo, uma forma de autoengano.

Só através do esforço rigoroso da observação judiciosa de si mesmo, sem escapatórias de qualquer espécie, é que poderemos evidenciar realmente que não somos Um, mas Muitos.

Admitir a pluralidade do eu e evidenciá-la através da observação rigorosa são dois aspectos diferentes.

Alguém pode aceitar a Doutrina dos Muitos Eus sem jamais havê-la evidenciado; isto só é possível auto-observando-se cuidadosamente.

Evitar o trabalho de observação íntima, buscar evasivas, é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem sustenta a ilusão de que é sempre uma e a mesma pessoa, não pode mudar; e é óbvio que a finalidade deste Trabalho é

precisamente conseguir uma transformação gradual em nossa vida interior. A transformação radical é uma possibilidade definida, que normalmente se perde quando não se trabalha sobre si mesmo.

O ponto inicial da transformação radical permanece oculto enquanto o homem continuar crendo-se Um.

Aqueles que rechaçam a Doutrina dos Muitos Eus demonstram claramente que jamais se auto-observaram seriamente.

A severa observação de si mesmo, sem escapatórias de qualquer espécie, permite-nos verificar por nós mesmos o cru realismo de que não somos Um, mas Muitos.

No mundo das opiniões subjetivas, diversas teorias pseudoesotéricas ou pseudo-ocultistas servem sempre de saída para a fuga de si mesmo.

Inquestionavelmente, a ilusão de que se é sempre uma e a mesma pessoa constitui obstáculo para a auto-observação.

Alguém poderia dizer: “Sei que não sou um, mas muitos, a Gnose me ensinou”. Tal afirmação, ainda que fosse muito sincera, se não existisse plena experiência vivida sobre esse aspecto doutrinário, obviamente seria algo meramente externo e superficial.

Evidenciar, experimentar e compreender é o fundamental; só assim é possível trabalhar conscientemente, para se conseguir uma transformação radical.

Afirmar é uma coisa e compreender é outra. Quando alguém diz:

“Compreendo que não sou um, mas muitos”, se sua compreensão é verdadeira e não mero palavreado insubstancial, isso indica plena verificação da Doutrina dos Muitos Eus.

Conhecimento e Compreensão são diferentes. O primeiro é da mente, o segundo do coração.

O mero conhecimento da Doutrina dos Muitos Eus de nada serve.

Infelizmente, nos tempos em que vivemos, o conhecimento foi muito além da compreensão; o pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, desenvolveu exclusivamente o conhecimento, esquecendo lamentavelmente o Ser.

Conhecer a Doutrina dos Muitos Eus e compreendê-la é fundamental para toda transformação radical verdadeira.

Quando um homem começa a observar-se detidamente, partindo do princípio de que não é Um, mas Muitos, obviamente iniciou o trabalho sério sobre sua natureza interior.

13 OBSERVADOR E OBSERVADO

É muito claro e não é difícil de compreender que, quando alguém começa a observar-se seriamente, partindo do princípio de que não é Um, mas Muitos, começa realmente a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro de si. São obstáculos, tropeços, empecilhos para o trabalho de auto-observação íntima os seguintes defeitos psicológicos: **Mitomania** (delírio de grandeza, crer-se um Deus); **Egolatria** (crença em um eu permanente, adoração a qualquer espécie de alter ego); **Paranoia** (achar que sabe tudo, autossuficiência, presunção, crer-se infalível, orgulho místico, pessoa que não sabe ver o ponto de vista alheio).

Quando se continua com a convicção absurda de que se é Um, de que se possui um eu permanente, torna-se mais do que impossível o trabalho sério sobre si mesmo.

Quem sempre se crê Um nunca será capaz de separar-se de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará cada pensamento, sentimento, desejo, emoção, paixão, afeto etc. como funcionalismos diferentes, imodificáveis, de sua própria natureza, e até se justificará ante os demais, dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário.

Quem aceita a Doutrina dos Muitos Eus compreende, à base de observação, que cada desejo, pensamento, ação, paixão etc. corresponde a um ou outro eu distinto, diferente.

Qualquer atleta da auto-observação íntima trabalha muito seriamente dentro de si mesmo, e se esforça por separar de sua Psique os diversos elementos indesejáveis que carrega consigo.

Se alguém de verdade e muito sinceramente começa a observar-se internamente, dividir-se-á em dois: Observador e Observado.

Se tal divisão não ocorresse, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na via maravilhosa do autoconhecimento.

Como poderíamos observar a nós mesmos se cometêssemos o erro de não querer nos dividir em Observador e Observado?

Se tal divisão não ocorresse, é óbvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do autoconhecimento.

Indubitavelmente, quando essa divisão não acontece, continuamos identificados com todos os processos do eu pluralizado.

Quem se identifica com os diversos processos do eu pluralizado é sempre

vítima das circunstâncias.

Como poderia modificar circunstâncias aquele que não conhece a si mesmo?

Como poderia conhecer a si mesmo quem nunca se observou internamente?

De que maneira poderia alguém se auto-observar se não se divide previamente em Observador e Observado?

Assim, ninguém pode começar a mudar radicalmente enquanto não for capaz de dizer: “Este desejo é um Eu animal que devo eliminar”; “Este pensamento egoísta é outro Eu que me atormenta e que necessito desintegrar”; “Esse sentimento, que fere meu coração, é um Eu intruso que necessito reduzir a poeira cósmica”. Etc.

Naturalmente, isso é impossível para quem nunca se dividiu em Observador e Observado.

Quem toma todos os seus processos psicológicos como funcionalismos de um Eu único, individual e permanente, encontra-se tão identificado com todos os seus erros, tem-nos tão unidos a si mesmo que perde, por tal motivo, a capacidade de separá-los de sua psique.

Obviamente, pessoas assim jamais podem mudar radicalmente, são pessoas condenadas ao mais rotundo fracasso.

14 PENSAMENTOS NEGATIVOS

Pensar profundamente e com plena atenção parece algo estranho nesta época involutiva e decadente.

Do Centro Intelectual surgem diversos pensamentos provenientes não de um eu permanente como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, mas dos diferentes eus em cada um de nós.

Quando um homem está pensando, crê firmemente que ele em si mesmo e por si mesmo está pensando.

Não quer entender o pobre mamífero intelectual que os múltiplos pensamentos que passam por seu entendimento têm sua origem nos diferentes eus que leva dentro.

Isso significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes, realmente ainda não temos mente individual.

Entretanto, cada um dos diferentes eus que carregamos dentro usa nosso Centro Intelectual, utiliza-o cada vez que pode para pensar.

Seria absurdo, então, identificar-nos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial, acreditando ser ele nossa propriedade particular.

Obviamente, este ou aquele pensamento negativo provêm de qualquer eu que em dado momento utilizou abusivamente nosso Centro Intelectual.

Existem pensamentos negativos de distintas espécies: suspeita, desconfiança, má vontade para com outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes por amizades ou de tipo familiar, cobiça, luxúria, vingança, ira, orgulho, inveja, ódio, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula etc. etc. etc.

Realmente, são tantos os defeitos psicológicos que temos de, ainda que tivéssemos um palato de aço e mil línguas para falar, não conseguiríamos enumerá-los cabalmente.

Como sequência ou corolário do que antecede, torna-se descabido identificarmos-nos com os pensamentos negativos.

Uma vez que não é possível que exista efeito sem causa, afirmamos solenemente que um pensamento poderia existir por si mesmo, por geração espontânea.

É evidente a relação entre pensador e pensamento; cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente.

Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos quantos pensamentos

da mesma índole.

Vista a questão sob o ângulo pluralizado de “Pensadores e Pensamentos”, conclui-se que cada um dos eus que carregamos em nossa psique é, certamente, um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós existem pensadores em demasia.

Não obstante, cada um destes, apesar de ser tão só uma parte, crê-se o todo em dado momento.

Os mitômanos, os ególatras, os narcisistas, os paranoicos, nunca aceitariam a tese da “pluralidade de pensadores”, porque valorizam demasiadamente a si mesmos, sentem-se “o papai do Tarzan” ou “a mamãe das criancinhas”.

Como poderiam tais pessoas anormais aceitar a ideia de que não possuem uma mente individual, genial, maravilhosa?

Não obstante, tais sabichões pensam de si mesmos o melhor, até se vestem com a túnica de Arístipo para demonstrar sabedoria e humildade.

Conta a lenda dos séculos que Arístipo, querendo demonstrar sabedoria e humildade, vestiu-se com uma velha túnica cheia de remendos e buracos; empunhou com a mão direita o Bastão da Filosofia e se foi pelas ruas de Atenas.

Dizem que, quando Sócrates o viu vindo, exclamou com grande voz: “Ó Arístipo, vê-se tua vaidade através dos buracos de tua vestimenta!”

Quem não vive sempre em estado de Alerta Novidade, Alerta Percepção, pensando que está pensando, facilmente se identifica com qualquer pensamento negativo.

Como resultado, fortalece lamentavelmente o poder sinistro do eu negativo, autor do correspondente pensamento em questão.

Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, tanto mais escravos seremos do correspondente eu que o caracteriza.

Com relação à Gnose, ao Caminho Secreto, ao trabalho sobre si mesmo, nossas tentações particulares encontram-se precisamente nos eus que odeiam a Gnose, o trabalho esotérico; porque não ignoram que sua existência dentro de nossa psique está mortalmente ameaçada pela Gnose e pelo Trabalho.

Esses Eus Negativos e brigões apoderam-se facilmente de certos “rolos” mentais armazenados em nosso Centro Intelectual e originam sequencialmente correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitamos esses pensamentos, esse eu negativo que em dado momento controlam nosso Centro Intelectual, seremos então incapazes de livrar-nos de

seus resultados.

Jamais devemos nos esquecer de que todo eu negativo se autoengana e engana; conclusão: Mente.

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se desilude da Gnose, do Trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e abandona o melhor, é óbvio que foi enganado por algum eu negativo.

O eu Negativo do Adultério aniquila os nobres lares e torna desgraçados os filhos.

O eu negativo dos Ciúmes engana os seres que se adoram e destrói sua felicidade.

O eu negativo do Orgulho Místico engana os devotos do Caminho e estes, sentindo-se sábios, cansam-se de seu Mestre ou o atraíam.

O eu negativo apela para nossas experiências pessoais, nossas recordações, nossas melhores aspirações, nossa sinceridade, e, mediante uma rigorosa seleção de tudo isso, apresenta algo sob uma falsa luz, algo que fascina, e vem o fracasso.

Não obstante, quando alguém descobre o eu em ação, quando aprendeu a viver em estado de alerta, tal engano faz-se impossível.

15 A INDIVIDUALIDADE

Crer-se Uno é, certamente, uma brincadeira de muito mau gosto. Infelizmente, esta vã ilusão existe dentro de cada um de nós.

Lamentavelmente, sempre pensamos de nós mesmos o melhor, jamais ocorre compreender que nem sequer possuímos verdadeira individualidade.

O pior é que até nos damos ao falso luxo de supor que cada um de nós goza de plena consciência e vontade própria.

Pobres de nós! Quão néscios somos! Não há dúvida de que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem muitos milhares de indivíduos diferentes, eus ou pessoas que brigam entre si, que pelejam pela supremacia e que não têm ordem ou concordância alguma entre si.

Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão diferente seria a vida.

Mas, para cúmulo de nosso infortúnio, as emoções negativas, as autoconsiderações e o amor-próprio nos fascinam, nos hipnotizam, jamais nos permitem recordarmos de nós mesmos, ver-nos tal qual somos.

Acreditamos ter uma só vontade, quando na realidade possuímos muitas vontades diferentes (cada eu tem a sua).

A tragicomédia de toda essa Multiplicidade Interior é pavorosa; as diferentes vontades interiores chocam-se entre si, vivem em conflito contínuo, atuam em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira Individualidade, se possuíssemos uma Unidade em vez de uma Multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta, vontade particular, individual.

Mudar é o indicado. Entretanto, devemos começar por ser sinceros com nós mesmos.

Necessitamos fazer um inventário psicológico sobre nós mesmos para conhecer o que nos sobra e o que nos falta.

É possível conseguir a Individualidade, mas, se acreditamos tê-la, tal possibilidade desaparecerá.

É evidente que jamais lutaríamos para conseguir algo que acreditamos ter. A fantasia nos faz crer que somos possuidores da Individualidade, e até existem no mundo escolas que assim o ensinam.

É urgente lutar contra a fantasia. Esta nos faz crer que somos isto ou aquilo,

quando na realidade somos miseráveis, desavergonhados e perversos.

Pensamos que somos Homens, quando de verdade somos tão só mamíferos intelectuais desprovidos de Individualidade.

Os mitômanos creem-se Deuses, Mahatmas etc. sem suspeitar que nem sequer têm Mente Individual e Vontade Consciente.

Os ególatras adoram tanto a seu querido ego que nunca aceitariam a ideia da Multiplicidade de Egos dentro de si mesmos.

Os paranoicos, com todo o orgulho clássico que os caracteriza, nem sequer lerão este livro.

É indispensável travarmos uma luta de morte contra a fantasia acerca de nós mesmos, se é que não queremos ser vítimas de emoções artificiais e experiências falsas que, além de nos colocar em situações ridículas, detêm toda possibilidade de desenvolvimento interior.

O animal intelectual está tão hipnotizado por sua fantasia que sonha que é leão ou águia, quando não é, na verdade, mais do que um pobre verme do lodo da terra.

O mitômano jamais aceitaria as afirmações feitas nas linhas acima.

Obviamente, ele se sente arqui-hierofante, não importa o que digam, sem suspeitar que a fantasia é meramente nada, “nada senão fantasia”.

A fantasia é uma força real que atua universalmente sobre a humanidade e que mantém o humanoide intelectual em estado de sonho, fazendo-o crer que já é Homem, que possui verdadeira Individualidade, vontade, consciência desperta, mente particular etc.

Quando pensamos que somos Um, não podemos mover-nos de onde estamos em nós mesmos, permanecemos estancados e, por fim, degeneramos, involuímos.

Cada um de nós encontra-se em determinada etapa psicológica, e não poderemos sair da mesma a menos que descubramos diretamente todas essas pessoas, ou eus, que vivem dentro de nós.

É claro que mediante a auto-observação íntima poderemos ver as pessoas que vivem em nossa psique e que necessitamos eliminar para lograr a transformação radical.

Essa percepção, essa auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que sobre nós tínhamos, e, como resultado, evidenciamos o fato concreto de que não possuímos verdadeira Individualidade.

Enquanto não nos auto-observemos, viveremos na ilusão de que somos Um, e,

como consequência, nossa vida será equivocada.

Não é possível relacionar-nos corretamente com nossos semelhantes enquanto não se realize uma mudança interior no fundo de nossa psique.

Qualquer mudança íntima exige a eliminação prévia dos eus que levamos dentro de nós.

De nenhuma maneira poderíamos eliminar tais eus se não os observamos em nosso interior.

Aqueles que se sentem Um, que pensam em si mesmos o melhor, que nunca aceitariam a Doutrina dos Muitos, tampouco desejam observar os Eus, e, portanto, qualquer possibilidade de mudança se torna impossível para eles. Não é possível mudar se não se elimina; mas quem se sente possuidor de Individualidade e se aceitasse que deve eliminar, ignoraria realmente o que deve eliminar.

No entanto, não devemos esquecer que, quem crê ser Uno, autoenganado, crê que sabe o que eliminar, quando na verdade nem sequer sabe que não sabe, é um ignorante ilustrado.

Necessitamos “desegoistizar-nos” para “individualizar-nos”, mas quem crê que possui a Individualidade é impossível que possa desegoistizar-se.

A Individualidade é cem por cento sagrada, raros são os que a têm; mas todos pensam que a têm.

Como poderíamos eliminar os múltiplos eus se cremos que temos um eu único?

Certamente, só quem jamais se auto-observou seriamente pensa que tem um eu único.

Devemos, entretanto, ser muito claros neste ensinamento, porque existe o perigo psicológico de se confundir a Individualidade autêntica com o conceito de alguma espécie de eu superior ou algo do gênero.

A Individualidade Sagrada está muito além de qualquer forma de Eu, é o que é, o que sempre tem sido e o que sempre será.

A legítima Individualidade é o Ser, e a razão de Ser do Ser é o mesmo Ser. Distinga-se entre o Ser e o Eu. Aqueles que confundem o Eu com o Ser certamente nunca se auto-observaram seriamente.

Enquanto a Essência, a Consciência, continuar engarrafada dentro de todo esse conjunto de Eus que levamos dentro, a transformação radical será totalmente impossível.

16 O LIVRO DA VIDA

Uma pessoa é o que é a sua vida. Isso que continua mais além da morte é a vida.

Este é o significado do livro da vida, que se abre com a morte.

Vendo essa questão de um ponto de vista estritamente psicológico, um dia qualquer de nossa vida é realmente uma pequena réplica da totalidade da vida. De tudo isso podemos inferir o seguinte: se um homem não trabalha sobre si mesmo hoje, não mudará nunca. Quando se afirma que se quer trabalhar sobre si mesmo e não se trabalha hoje, adiando para amanhã, tal afirmação será um simples projeto e nada mais, porque no hoje está a réplica de toda a nossa existência.

Existe por aí um dito popular que diz: “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje mesmo”.

Se um homem diz: “Trabalharei sobre mim mesmo amanhã”, nunca trabalhará sobre si mesmo, porque sempre haverá um amanhã.

Isso é muito similar a certo aviso que alguns comerciantes põem em suas lojas: “Fiado só amanhã”.

Quando algum necessitado chega para solicitar crédito, encontra o terrível aviso; volta no outro dia, e encontra outra vez o malfadado leteiro.

Isto é o que se chama em psicologia “doença do amanhã”.

Enquanto um homem diga “amanhã”, nunca mudará.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, trabalhar sobre nós mesmos hoje, não sonhar preguiçosamente com um futuro ou uma oportunidade extraordinária.

Esses que dizem “vou antes fazer isto ou aquilo, e depois trabalharei”, jamais trabalharão sobre si mesmos. Esses são os moradores da terra citados nas Sagradas Escrituras.

Conheci um poderoso latifundiário que dizia: “Primeiro necessito aumentar minhas propriedades, depois trabalharei sobre mim mesmo”.

Quando ficou mortalmente doente, fui visitá-lo e lhe fiz a seguinte pergunta: “Ainda queres aumentar tuas propriedades?”

“Lamento de verdade haver perdido tempo”, me respondeu. Dias depois morreu, depois de haver reconhecido seu erro.

Aquele homem tinha muitas terras, mas queria apossar-se das propriedades vizinhas, a fim de que sua fazenda ficasse limitada exatamente por quatro

caminhos.

“A cada dia basta o seu afã!”, disse o Grande Cabir Jesus. Devemos auto-observar-nos hoje mesmo, no tocante ao dia sempre recorrente, miniatura de nossa vida inteira.

Quando um homem começa a trabalhar sobre si mesmo hoje mesmo, quando observa seus desgostos e penas, marcha pelo caminho do êxito.

Não seria possível eliminar o que não conhecemos. Devemos, antes, observar nossos próprios erros.

Necessitamos não só conhecer nosso dia, como também, nossa relação com o mesmo. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta diretamente, exceto os acontecimentos insólitos, inusitados.

É interessante observar a recorrência diária, a repetição de palavras e acontecimentos na vida de cada pessoa etc.

Essa repetição ou recorrência de eventos e palavras merece ser estudada, pois nos conduz ao autoconhecimento.

17 CRIATURAS MECÂNICAS

De maneira alguma poderíamos negar a Lei da Recorrência processando-se em cada momento de nossa vida.

Certamente, em cada dia de nossa existência existem repetição de eventos, estados de consciência, palavras, desejos, pensamentos, volições etc.

É óbvio que, quando alguém não se auto-observa não pode se dar conta dessa incessante repetição diária.

É evidente que quem não sente interesse algum por observar a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação radical. Para o cúmulo dos cúmulos, existem pessoas que querem se transformar sem trabalhar sobre si mesmas.

Não negamos o fato de que cada qual tem o direito à real felicidade do espírito, mas também, é certo que tal felicidade seria absolutamente impossível se não trabalhássemos sobre nós mesmos.

Alguém pode mudar intimamente quando realmente consegue modificar suas reações ante os diversos fatos que lhe sucedem diariamente.

No entanto, não poderíamos modificar nossa forma de reagir ante os fatos da vida prática se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Necessitamos mudar nossa maneira de pensar, ser menos negligentes, tornarmos mais sérios e encarar a vida de forma diferente, em seu sentido real e prático.

Mas se continuamos assim tal como estamos, comportando-nos da mesma forma todos os dias, repetindo os mesmos erros, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança ficará de fato eliminada.

Se alguém de verdade quer chegar a conhecer a si mesmo, deve começar por observar sua própria conduta ante os acontecimentos de qualquer dia da vida.

Não queremos dizer com isso que não se deva observar-se diariamente, só queremos afirmar que se deve começar por um primeiro dia.

Em tudo deve haver um começo, e começar por observar nossa conduta em qualquer dia de nossa vida é um bom começo.

Observar nossas reações mecânicas diante de todos esses detalhes do quarto, lar, sala de jantar, casa, rua, trabalho etc., o que se disse, sentiu e pensou, é certamente o mais indicado.

O importante é ver logo de que maneira se pode mudar essas reações; mas se acreditamos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma

inconsciente e equivocada, nunca mudaremos.

Antes de tudo, necessitamos compreender que somos pessoas-máquinas, simples marionetes controladas por agentes secretos, por eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas, nunca somos idênticos; às vezes se manifesta em nós uma pessoa mesquinha, outras vezes uma pessoa irritável, em qualquer outro instante uma pessoa esplêndida, benevolente, mais tarde uma pessoa escandalosa ou caluniadora, depois um santo, logo um trapaceiro etc.

Temos gente de todo tipo dentro de cada um de nós, eus de toda espécie.

Nossa personalidade não é mais que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Começemos por comportar-nos conscientemente durante uma pequena parte do dia; necessitamos deixar de ser simples máquinas ainda que durante uns breves minutos diários; isto influirá decisivamente sobre nossa existência.

Quando nos auto-observamos e não fazemos o que tal ou qual eu quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas.

Um só momento em que se está bastante consciente, como para deixar de ser máquina, se for feito voluntariamente, pode modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Infelizmente, vivemos diariamente uma vida mecanicista, rotineira, absurda. Repetimos acontecimentos, nossos hábitos são os mesmos, nunca quisemos modificá-los; são os trilhos por onde circula o trem de nossa miserável existência. No entanto, pensamos de nós o melhor.

Por toda parte abundam os mitômanos, o que se creem Deuses; criaturas mecânicas, rotineiras, personagens do lodo da terra, míseros bonecos movidos por diversos eus; pessoas assim não trabalharão jamais sobre si mesmas.

18 O PÃO SUPERSUBSTANCIAL

Se observarmos cuidadosamente qualquer dia de nossa vida, veremos que de fato não sabemos viver conscientemente.

Nossa vida parece um trem em marcha, movendo-se nos trilhos fixos dos hábitos mecânicos, rígidos, de uma existência vã e superficial.

O curioso do caso é que jamais nos ocorre modificar os hábitos, parece que não nos cansamos de estar repetindo sempre o mesmo.

Os hábitos nos mantêm petrificados, mas pensamos que somos livres; somos espantosamente feios, mas nos cremos Apolos.

Somos gente mecânica, motivo mais que suficiente para carecer de todo sentimento verdadeiro do que estamos fazendo na vida.

Movemo-nos diariamente dentro dos velhos trilhos de nossos hábitos antiquados e absurdos, e assim é claro que não temos uma verdadeira vida; em vez de viver, vegetamos miseravelmente, e não recebemos novas impressões.

Se uma pessoa iniciasse seu dia conscientemente, é claro que tal dia seria muito diferente dos outros.

Quando alguém toma a totalidade de sua vida como o mesmo dia que está vivendo, quando não deixa para amanhã o que deve fazer hoje mesmo, chega realmente a conhecer o que significa trabalhar sobre si mesmo.

Jamais um dia carece de importância; se de verdade queremos transformar-nos radicalmente, devemos ver-nos, observar-nos e compreender-nos diariamente.

Entretanto, as pessoas não querem ver a si mesmas. Alguns, tendo vontade de trabalhar sobre si mesmos, justificam sua negligência com frases como a seguinte: “O trabalho no escritório não me permite trabalhar sobre mim mesmo”. Palavras sem sentido, ocas, vãs, absurdas, que só servem para justificar a indolência, a preguiça, a falta de amor pela Grande Causa.

É óbvio que pessoas assim, ainda que tenham muitas inquietudes espirituais, não mudarão nunca.

Observar a nós mesmos é urgente, inadiável, impostergável. A auto-observação íntima é fundamental para a mudança verdadeira.

Qual é seu estado psicológico ao levantar-se? Qual é seu estado de ânimo durante o desjejum? Esteve impaciente com o empregado? Com a esposa?

Por que esteve impaciente? O que é que sempre te transtorna? Etc.

Fumar ou comer menos não é toda a mudança, mas indica certo avanço. Bem sabemos que o vício e a gula são inumanos e bestiais.

Não está bem que alguém, dedicado ao Caminho Secreto, tenha um corpo físico excessivamente gordo e com um ventre avolumado e fora de toda eutímia de perfeição. Isso indicaria gula, e até preguiça.

A vida cotidiana, a profissão, o emprego, ainda que vitais para a existência, constituem o sonho da consciência.

Saber que a vida é sonho não significa havê-lo compreendido.

A compreensão vem com a auto-observação e o trabalho intenso sobre si mesmo.

Para trabalhar sobre si, é indispensável trabalhar sobre sua vida diária, hoje mesmo, e então se compreenderá o que significa aquela frase da Oração do Senhor: “O Pão nossa de cada dia dá-nos hoje”.

A expressão “Cada Dia” significa o “Pão Supersubstancial” em grego, ou o “Pão do Alto”.

A Gnose dá esse Pão de Vida no duplo sentido de ideias e forças que nos permitem desintegrar erros psicológicos.

Cada vez que reduzimos a poeira cósmica tal ou qual eu, ganhamos experiência psicológica, comemos o “Pão da Sabedoria”, recebemos um novo conhecimento.

A Gnose nos oferece o “Pão Supersubstancial”, o “Pão da Sabedoria”, e nos assinala com precisão a nova vida que começa em nós mesmos, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Ninguém pode alterar sua vida ou mudar coisa alguma relacionada com as reações mecânicas da existência, a menos que conte com a ajuda de novas ideias e receba auxílio divino.

A Gnose dá essas novas ideias e ensina o *modus operandi* mediante o qual se pode ser assistido por Forças Superiores à mente.

Necessitamos preparar os centros inferiores de nosso organismo para receber as ideias e forças que vêm dos Centros Superiores.

No trabalho sobre si mesmo não existe nada depreciável. Qualquer pensamento, por insignificante que seja, merece ser observado. Qualquer emoção negativa, reação etc. deve ser observada.

19 O BOM DONO DE CASA

Nestes tempos tenebrosos, separar-se dos efeitos desastrosos da vida é, certamente, muito difícil, mas indispensável; de outro modo se é devorado pela vida.

Qualquer trabalho que alguém faça sobre si mesmo, com o propósito de conseguir um desenvolvimento anímico e espiritual, relaciona-se sempre com o isolamento – muito bem entendido –, pois, sob a influência da vida tal como sempre a vivemos, não é possível desenvolver outra coisa do que a personalidade.

De modo algum tencionamos opor-nos ao desenvolvimento da personalidade; obviamente esta é necessária na existência, mas certamente é algo meramente artificial, não é o verdadeiro, o Real em nós.

Se o pobre mamífero intelectual equivocadamente chamado homem não se isola, mas se identifica com os acontecimentos da vida prática e dissipa suas forças em emoções negativas, em autoconsiderações pessoais e no inútil palavreado insubstancial e nada edificante, nenhum elemento real pode desenvolver-se nele, exceto o que pertence ao mundo da mecanicidade. Certamente, quem quiser de verdade conseguir em si o desenvolvimento da Essência deve chegar a estar hermeticamente fechado. Isto se refere a algo íntimo estreitamente relacionado com o silêncio.

A frase vem dos antigos tempos, quando se ensinava secretamente uma Doutrina sobre o desenvolvimento interior do homem vinculada com o nome de Hermes.

Se alguém tem escapes de energia e não está isolado em sua intimidade, é inquestionavelmente que não poderá conseguir o desenvolvimento de algo real em sua psique.

A vida ordinária, comum e corrente, quer devorar-nos implacavelmente; devemos lutar contra a vida diariamente, devemos aprender a nadar contra a correnteza.

Este trabalho vai contra a vida, trata-se de algo muito diferente do de todos os dias, e que, contudo, devemos praticar de instante a instante. Refiro-me à Revolução da Consciência.

É evidente que, se nossa atitude para com a vida diária é fundamentalmente equivocada, se acreditamos que tudo deve marchar bem, apenas porque assim

o queremos, virão os desenganos.

As pessoas querem que as coisas lhes saiam bem porque tudo “deve ir de acordo com seus planos”, mas a crua realidade é diferente; enquanto alguém não mude interiormente, goste ou não goste, será sempre vítima das circunstâncias.

Falam-se e escrevem-se sobre a vida muitas estupidezas sentimentais, mas este Tratado de Psicologia Revolucionária é diferente.

Esta doutrina vai ao grão, aos fatos concretos, claros e definitivos; afirma enfaticamente que o Animal Intelectual, equivocadamente chamado homem, é um bípede mecânico, inconsciente, adormecido.

“O Bom Dono de Casa” jamais aceitaria a Psicologia Revolucionária; cumpre com todos os seus deveres como pai, esposo etc., e por isso pensa o melhor de si mesmo. Entretanto, só serve aos fins da natureza, e isso é tudo.

Por outro lado, também existe o Bom Dono de Casa que nada contra a correnteza, que não quer se deixar devorar pela vida; mas estes últimos são muito raros no mundo, nunca abundantes.

Quando alguém pensa de acordo com as ideias deste Tratado de Psicologia Revolucionária, obtém uma correta visão da vida.

20 OS DOIS MUNDOS

Observar e observar-se são duas coisas completamente diferentes, contudo, ambas exigem atenção.

Na observação, a atenção é orientada para fora, para o mundo exterior, através das janelas dos sentidos.

Na observação de si mesmo, a atenção é orientada para dentro, e para isso os sentidos de percepção externa não servem. Este motivo é mais do que suficiente para que seja difícil ao neófito a observação de seus processos psicológicos íntimos.

O ponto de partida da ciência oficial, em seu lado prático, é o observável. O ponto de partida do trabalho sobre si mesmo é a auto-observação, o auto-observável.

Inquestionavelmente, esses dois pontos de partida supracitados levam-nos em direções completamente diferentes.

Alguém poderia envelhecer absorvido nos dogmas intransigentes da ciência oficial, estudando fenômenos externos, observando células, átomos, moléculas, sóis, estrelas, cometas etc., sem experimentar dentro de si mesmo nenhuma mudança radical.

A classe de conhecimento que transforma interiormente alguém, jamais poderia ser conseguida mediante a observação externa.

O verdadeiro conhecimento, aquele que realmente pode originar em nós uma mudança interior fundamental, tem por embasamento a auto-observação direta de si mesmo.

É urgente dizer a nossos estudantes Gnósticos que se auto-observem, em que sentido devem auto-observar-se e as razões para isso.

A observação é um meio para modificar as condições mecânicas do mundo. A auto-observação interior é um meio para mudarmos intimamente.

Como consequência ou corolário de tudo isso podemos e devemos afirmar, de forma enfática, que existem duas classes de conhecimento, o externo e o interno, e que, a menos que tenhamos em nós mesmos o centro magnético que possa diferenciar as qualidades do conhecimento, esta mescla dos dois planos ou ordens de ideias poderia levar-nos à confusão.

Sublimes doutrinas pseudoesotéricas, com marcado cientificismo como “plano de fundo”, pertencem ao terreno do observável. No entanto, são aceitas por muitos aspirantes como conhecimento interno.

Encontramo-nos, pois, ante dois mundos, o exterior e o interior. O primeiro destes é percebido pelos sentidos de percepção externa; o segundo só pode ser percebido mediante o sentido de auto-observação interna.

Pensamentos, ideias, emoções, anseios, esperanças, desenganos etc. são interiores, invisíveis para os sentidos ordinários; no entanto, são mais reais do que a mesa de refeição ou as poltronas da sala.

Certamente, vivemos mais em nosso mundo interior do que no exterior, isto é irrefutável, irrefutável.

Em nossos Mundos Internos, em nosso mundo secreto, amamos, desejamos, suspeitamos, bendizemos, maldizemos, anelamos, sofremos, gozamos, somos **defraudados**, premiados etc.

Inquestionavelmente, os dois mundos, o interno e o externo, são verificáveis experimentalmente. O mundo exterior é o observável. O mundo interior é o auto-observável em si mesmo e dentro de si mesmo, aqui e agora.

Quem de verdade quiser conhecer os “Mundos Internos” do planeta Terra, do sistema solar ou da galáxia em que vivemos deve conhecer previamente seu mundo íntimo, sua vida interior, particular, seus próprios mundos internos. “Homem, conhece a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses!” Quanto mais explorar este mundo interior chamado de “Si Mesmo”, mais compreenderá que vive simultaneamente em dois mundos, em duas realidades, em dois âmbitos, o exterior e o interior.

Do mesmo modo que é indispensável a alguém aprender a caminhar no mundo exterior, para não cair em um precipício, não se extraviar nas ruas da cidade, não se associar com perversos, não comer veneno etc., assim também, mediante o trabalho psicológico sobre nós mesmos, aprendemos a caminhar no mundo interior, o qual é explorável mediante a auto-observação de si.

Realmente, o sentido de auto-observação de si mesmo encontra-se atrofiado na raça humana decadente desta época tenebrosa em que vivemos.

À medida que perseveramos na auto-observação de nós mesmos, o sentido de auto-observação íntima irá se desenvolvendo progressivamente.

21 OBSERVAÇÃO DE SI MESMO

A auto-observação íntima de si mesmo é um meio prático para obter uma transformação radical.

Conhecer e observar são coisas diferentes. Muitos confundem a observação de si, como o conhecer. Temos conhecimento de que estamos sentados em uma cadeira, em uma sala, mas isso não significa que estamos observando a cadeira.

Conhecemos que, em um dado instante, nos encontramos em um estado negativo, talvez com algum problema ou preocupação por este ou aquele assunto, ou em estado de desassossego ou incerteza etc. Mas isso não significa que o estejamos observando.

Você sente antipatia por alguém? Não lhe agrada certa pessoa? Por quê? Você dirá que conhece essa pessoa. Por favor, observe-a! Conhecer nunca é observar, não confunda o conhecer com o observar.

A observação de si, que é cem por cento ativa, é um meio para a transformação de si, enquanto o conhecer, que é passivo, não é.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção dirigida para dentro de si mesmo, para o que está sucedendo em nosso interior, sim, é algo positivo, ativo.

No caso de uma pessoa a quem se tem antipatia, apenas porque nos agrada e muitas vezes sem motivo algum, observa-se a multidão de pensamentos que se acumulam na mente, o grupo de vozes que falam e gritam desordenadamente dentro de si mesmo, o que estão dizendo, as emoções desagradáveis que surgem em nosso interior, o sabor desagradável que tudo isto deixa em nossa psique etc.

Obviamente, em tal estado nos damos conta também de que interiormente estamos tratando muito mal a pessoa a quem temos antipatia.

Mas, para ver tudo isso, necessita-se inquestionavelmente de uma atenção dirigida intencionalmente para dentro de si mesmo; não de uma atenção passiva.

A atenção dinâmica provém realmente do lado observante, enquanto os pensamentos e as emoções pertencem ao lado observado.

Tudo isso nos faz compreender que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico, em contraste com a observação de si, que é um ato consciente.

Não queremos com isso dizer que não exista a observação mecânica de si, mas

tal tipo de observação nada tem a ver com a auto-observação psicológica a que estamos nos referindo.

Pensar e observar são também muito diferentes. Qualquer sujeito pode se dar ao luxo de pensar sobre si mesmo tudo o que quiser, mas isso não quer dizer que esteja se observando realmente.

Necessitamos ver os diferentes eus em ação, descobri-los em nossa psique, compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria Consciência, arrepender-nos de havê-los criado etc.

Então exclamaremos: “Mas o que está fazendo este eu?” “O que está dizendo?” “O que é que quer?” “Por que me atormenta com sua luxúria?” “Com sua ira?” etc. etc.

Então veremos dentro de nós mesmos todo esse trem de pensamentos, emoções, desejos, paixões, comédias privadas, dramas pessoais, elaboradas mentiras, discursos, desculpas, morbosidades, leitos de prazer, quadros de lascívia etc.

Muitas vezes, antes de dormirmos, no preciso momento de transição entre a vigília e o sono, sentimos dentro de nossa própria mente diferentes vozes que falam entre si; são os diferentes eus que devem romper, em tais momentos, toda conexão com os diferentes centros de nossa máquina orgânica a fim de submergirem, em seguida, no mundo molecular, na Quinta Dimensão.

22 A TAGARELICE

Torna-se urgente, inadiável, impostergável, observar a tagarelice interior e o lugar preciso de onde provém.

Inquestionavelmente, a tagarelice interior equivocada é a *causa causarum* de estados psíquicos inarmônicos e desagradáveis no presente e também no futuro.

Obviamente, esse palavreado inútil, insubstancial e de sentido ambíguo, e em geral toda ação prejudicial, daninha, absurda, manifestada no mundo exterior, têm sua origem na conversação interior equivocada.

Sabe-se que existe na Gnose a prática esotérica do silêncio interior; isto o conhecem nossos discípulos de Terceira Câmara.

Não será supérfluo dizer com inteira claridade que o silêncio interior deve referir-se especificamente a algo muito preciso e definido.

Quando o processo do pensar se esgota intencionalmente durante a meditação interior profunda, consegue-se o silêncio interior; mas não é isso o que queremos explicar no presente capítulo.

“Esvaziar a mente” ou “pô-la em branco” para conseguir realmente o silêncio interior, tampouco é o que tentamos explicar agora nestes parágrafos.

Praticar o silêncio interior a que estamos nos referindo tampouco significa impedir que algo penetre na mente.

Realmente, estamos falando agora de um tipo de silêncio interior muito diferente. Não se trata de algo vago e geral.

Queremos praticar o silêncio interior em relação a algo que já esteja na mente: pessoa, acontecimento, assunto próprio ou alheio, o que nos contaram, o que fez fulano etc., mas sem tocá-lo com a língua interior, sem discurso íntimo.

Aprender a calar não somente com a língua exterior, mas também, e além disso, com a língua secreta, interna, é extraordinário, maravilhoso.

Muitos calam exteriormente, mas com sua língua interior esfolam vivo o próximo. A tagarelice interior venenosa e malévola produz confusão interior.

Se observarmos a tagarelice interior equivocada, veremos que está feita de meias verdades, ou de verdades que se relacionam de modo mais ou menos incorreto, ou de algo que se agregou ou se omitiu.

Desgraçadamente, nossa vida emocional fundamenta-se exclusivamente na “autossimpatia”.

Para o cúmulo de tanta infâmia, só simpatizamos com nós mesmos, com nosso

“querido Ego”, e sentimos antipatia e até ódio daqueles que não simpatizam conosco.

Valorizamos demasiadamente a nós mesmos, somos cem por cento narcisistas, e isso é irrefutável, irrefutável.

Enquanto continuemos bloqueados na autossimpatia, qualquer desenvolvimento do Ser torna-se absolutamente impossível.

Necessitamos aprender a ver o ponto de vista alheio. É urgente sabermos nos colocar na posição dos outros.

“Tudo o que quereis que os homens vos façam fazei-o vós a eles.” (Mateus 7: 12)

O que verdadeiramente conta nestes estudos é a maneira como os homens se comportam interna e invisivelmente uns com os outros.

Infelizmente, ainda que sejamos muito corteses e até sinceros às vezes, não há dúvida de que, invisível e internamente, nos tratamos muito mal uns aos outros.

Pessoas aparentemente muito bondosas arrastam diariamente seus semelhantes até a cova secreta de si mesmas para fazer, com esses, todos os seus caprichos (humilhações, engano, escárnio etc.).

23 O MUNDO DAS RELAÇÕES

O mundo das relações tem três aspectos muito diferentes, que necessitamos aclarar de forma precisa.

- Primeiro: estamos relacionados com o corpo planetário, ou seja, com o corpo físico.
- Segundo: vivemos no planeta Terra e, como consequência lógica, estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões atinentes a nós: assuntos familiares, negócios, finanças, questões profissionais, política etc.
- Terceiro: a relação do homem consigo mesmo. Para a maioria das pessoas, esse tipo de relação não tem a menor importância.

Desafortunadamente, as pessoas só se interessam pelos dois primeiros tipos de relações, olhando com a mais absoluta indiferença o terceiro tipo.

Alimento, saúde, dinheiro, negócios, constituem realmente as principais preocupações do animal intelectual equivocadamente chamado Homem.

Torna-se evidente que tanto o corpo físico quanto os assuntos do mundo são exteriores a nós mesmos.

O corpo planetário (*corpo físico*) às vezes se encontra enfermo, às vezes são, e assim sucessivamente.

Creemos sempre ter algum conhecimento do nosso corpo físico, mas, na realidade, nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso.

Não há dúvida de que o corpo físico, dada sua tremenda e complicada organização, está certamente muito além de nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias. É lamentável que ainda não tenhamos aprendido a originar conscientemente as circunstâncias.

São muitas as pessoas incapazes de se adaptar às coisas ou às pessoas ou ter verdadeiro êxito na vida.

Ao pensar em nós mesmos do ponto de vista do trabalho esotérico Gnóstico, faz-se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode suceder o caso concreto de que estejamos equivocadamente relacionados com o corpo físico e, em consequência disto, podemos estar enfermos.

Pode suceder que estejamos mal relacionados com o mundo exterior e, como resultado, tenhamos conflitos, problemas econômicos e sociais etc.

Pode ser que estejamos mal relacionados conosco mesmos e, consequentemente, soframos muito por falta de iluminação interior.

Obviamente, se a lâmpada de nosso quarto não se encontra conectada com a instalação elétrica, nosso aposento estará em trevas.

Aqueles que sofrem por falta de iluminação interior devem conectar sua mente com os Centros Superiores de seu Ser.

Inquestionavelmente, necessitamos estabelecer corretas relações não só com nosso corpo planetário (corpo físico) e com o mundo exterior, como também com cada uma das Partes de nosso próprio Ser.

Os doentes pessimistas, cansados de tantos médicos e remédios, já não desejam se curar; os pacientes otimistas lutam por viver.

No cassino de Monte Carlo, muitos milionários que perderam sua fortuna no jogo se suicidaram. Enquanto isso, milhões de mães pobres trabalham para sustentar seus filhos.

São incontáveis os aspirantes deprimidos que, por falta de poderes psíquicos e de iluminação íntima, renunciaram ao trabalho esotérico sobre si mesmos.

Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades.

Em tempos de rigorosa tentação, abatimento e desolação, deve-se apelar para a íntima recordação de si mesmo.

No fundo de cada um de nós está a Tonantzin asteca, a Stella Maris, a Ísis egípcia, Deus Mãe aguardando-nos para curar nosso dolorido coração.

Quando alguém dá a si mesmo o choque da “Recordação de Si”, produz realmente uma transformação milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células recebem um alimento diferente.

24 A CANÇÃO PSICOLÓGICA

Chegou o momento de refletir muito seriamente sobre isso que se chama “consideração interna”.

Não cabe a menor dúvida sobre o aspecto desastroso da “autoconsideração íntima”, pois, além de hipnotizar a consciência, ela nos faz perder muitíssima energia.

Caso a pessoa não cometesse o erro de se identificar tanto consigo mesma, a autoconsideração interior seria totalmente impossível.

Quando alguém se identifica consigo mesmo, quando se ama muito, sente piedade de si mesmo, se autoconsidera, pensa que sempre se portou bem com fulano, com sicrano, com a mulher, com os filhos etc. e que ninguém soube apreciá-lo etc. Em suma, pensa que é um santo e os outros uns malvados, uns velhacos.

Uma das formas mais comuns da autoconsideração íntima é a preocupação pelo que outros possam pensar sobre nós mesmos; talvez suponham que não somos honrados, sinceros, verídicos, valentes etc.

O mais curioso de tudo isso é que ignoramos lamentavelmente a enorme perda de energia que esse tipo de preocupações nos traz.

Muitas atitudes hostis para com certas pessoas, que mal algum nos fizeram, se devem precisamente a tais preocupações nascidas da autoconsideração íntima. Nessas circunstâncias, quando se quer tanto a si mesmo, autoconsiderando-se deste modo, é claro que o eu, ou melhor dizendo, os eus, em vez de se extinguirem, se fortalecem espantosamente.

Identificada consigo mesma, a pessoa se apieda muito de sua própria situação, e até se põe a fazer contas.

Então é que pensa que fulano, que sicrano, que o compadre, que a comadre, que o vizinho, que o patrão, que o amigo etc. não lhe pagaram como deviam, apesar de suas costumeiras bondades, e, engarrafado nisso, torna-se insuportável e aborrecedor para todo mundo.

Com um sujeito assim praticamente não se pode falar, porque qualquer conversa seguramente vai parar no seu livro de contas e em seus tão cacarejados sofrimentos.

Está escrito que, no trabalho esotérico gnóstico, o crescimento anímico só é possível mediante o perdão aos outros.

Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior.

A Oração do Senhor diz: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos a nossos devedores”.

O sentimento de que alguém nos deve, a dor pelos males que os outros nos causaram, etc., detêm o progresso interior da alma.

Jesus, o Grande Cabir, disse: “Entra em acordo sem demora com o teu adversário enquanto está em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. Em verdade te digo, dali não sairás antes de teres pago o último centavo”.

(Mateus 5: 25, 26)

Se nos devem, devemos. Se exigimos que nos paguem até o último real, devemos pagar antes até o último centavo.

Esta é a Lei de Talião: “Olho por olho e dente por dente”, círculo vicioso, absurdo.

As desculpas, satisfações e humilhações que a outros exigimos, pelos males que nos causaram, são também exigidas a nós, ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar-se sob leis desnecessárias é absurdo, melhor é colocar-se sob novas influências.

A Lei da Misericórdia é uma influência mais elevada que a lei do homem violento, “olho por olho e dente por dente”.

É urgente, indispensável, inadiável, colocar-nos inteligentemente sob as influências maravilhosas do trabalho esotérico gnóstico, esquecer que nos devem e eliminar de nossa psique qualquer forma de autoconsideração.

Jamais devemos admitir dentro de nós sentimentos de vingança, ressentimento, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram, violência, inveja, recordação incessante de dívidas etc.

A Gnose está destinada àqueles aspirantes sinceros que verdadeiramente queiram trabalhar e mudar.

Observando as pessoas, podemos evidenciar de forma direta que cada uma tem sua própria canção.

Cada qual canta sua própria canção psicológica; quero referir-me de modo enfático a essa questão das contas psicológicas, sentir que lhe devem, queixar-se, autoconsiderar-se etc.

Às vezes as pessoas cantam sua canção “sem que nem por quê”, “sem que se

lhes dê corda”, sem que se as estimule, e, em outras ocasiões, depois de umas quantas taças de vinho.

Nossa aborrecida canção deve ser eliminada, ela nos incapacita, nos rouba muita energia.

Em questão de Psicologia Revolucionária, alguém que canta muito bem – não nos referimos à formosa voz nem ao canto físico –, certamente não pode ir além de si mesmo, fica no passado.

Uma pessoa impedida por tristes canções não pode mudar seu Nível de Ser, não pode ir além do que é.

Para passar a um Nível Superior de Ser é preciso deixar de ser o que se é, necessitamos não ser o que somos.

Se continuamos sendo o que somos, nunca poderemos passar a um Nível Superior de Ser.

No terreno da vida prática acontecem coisas insólitas. Frequentemente, uma pessoa qualquer trava amizade com outra, só porque é fácil cantar sua canção para ela.

Infelizmente, esse tipo de relações termina quando se pede ao cantor que se cale, que “mude o disco”, que fale de outra coisa etc.

Então, o cantor, ressentido, se vai em busca de um novo amigo, de alguém que esteja disposto a escutá-lo por tempo indefinido.

Compreensão, exige o cantor. Alguém que o compreenda, como se fosse tão fácil compreender outra pessoa.

Para compreender outra pessoa é preciso compreender a si mesmo.

Infelizmente, o bom cantor crê que compreende a si mesmo.

São muitos os cantores decepcionados que cantam a canção de não serem compreendidos e sonham com um mundo maravilhoso onde eles são as figuras centrais.

Contudo, nem todos os cantores são públicos, existem também os reservados; não cantam a sua canção diretamente, mas secretamente.

São gentes que trabalharam muito, que sofreram muito e se sentem ludibriadas, pensam que a vida lhes deve tudo aquilo que não foram capazes de conseguir.

Comumente, sentem uma tristeza interior, uma sensação de monotomia e tédio espantoso, cansaço íntimo ou frustração ao redor da qual se amontoam os pensamentos.

Inquestionavelmente, as canções secretas fecham-nos a passagem no caminho da autorrealização íntima do Ser.

Infelizmente, tais canções interiores, secretas, passam despercebidas para nós, a menos que as observemos intencionalmente.

Obviamente, toda observação de si deixa penetrar a Luz na própria pessoa, em suas profundidades íntimas.

Nenhuma mudança interior poderia ocorrer em nossa psique, a não ser à luz da observação de si.

É indispensável observar a si mesmo estando só, do mesmo modo que ao estar em relação com as pessoas. Quando alguém está só, apresentam-se eus muito diferentes, outros pensamentos, emoções negativas etc.

Nem sempre se está bem acompanhado quando se está só. É apenas normal, é muito natural, estar muito mal acompanhado em plena solidão. Os eus mais negativos e perigosos apresentam-se quando se está só.

Se quisermos nos transformar radicalmente, necessitamos sacrificar nossos próprios sofrimentos.

Muitas vezes expressamos nossos sofrimentos em canções articuladas ou inarticuladas.

25 RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é sua vida. Se um homem não modifica nada dentro de si mesmo, se não transforma radicalmente sua vida, se não trabalha sobre si mesmo, está perdendo seu tempo miseravelmente.

A morte é o regresso ao próprio começo de sua vida, com a possibilidade de repeti-la.

Muito se disse na literatura pseudoesotérica e pseudo-ocultista sobre o tema das vidas sucessivas. Melhor é que nos ocupemos das existências sucessivas. A vida de cada um de nós, com todos os seus tempos, é sempre a mesma, repetindo-se de existência em existência, através dos inumeráveis séculos. Inquestionavelmente, continuamos na semente de nossos descendentes, isto é algo que já está demonstrado.

A vida de cada um de nós, em particular, é um filme vivo que ao morrer levamos para a eternidade.

Cada um de nós leva seu filme e torna a trazê-lo para projetá-lo outra vez na tela de uma nova existência.

A repetição de dramas, comédias e tragédias é um axioma fundamental da Lei de Recorrência.

Em cada nova existência, repetem-se sempre as mesmas circunstâncias.

Os atores de tais cenas, sempre repetidas, são essas pessoas que vivem em nosso interior, os eus.

Caso desintegremos esses “atores”, esses eus que originam as sempre repetidas cenas de nossa vida, então a repetição de tais circunstâncias se fará impossível.

Obviamente, sem atores não pode haver cenas, isto é irrefutável, irrefutável.

Assim é como podemos nos libertar das Leis de Retorno e de Recorrência, assim podemos fazer-nos livres de verdade.

Obviamente, cada um dos personagens (eus) que em nosso interior levamos repete, de existência em existência, seu mesmo papel. Se o desintegramos, se o ator morre, o papel termina.

Refletindo seriamente sobre a Lei de Recorrência, ou repetição das cenas em cada Retorno, descobrimos por auto-observação íntima os mecanismos secretos dessa questão.

Se na existência passada, na idade de vinte e cinco anos, tivemos uma aventura amorosa, é indubitável que o eu de tal compromisso buscará a mulher de seus sonhos aos vinte e cinco anos da nova existência.

Se a mulher em questão só tinha então quinze anos, o eu de tal aventura buscará seu amado na mesma idade na nova existência.

É fácil compreender que os dois eus, tanto o dele quanto o dela, se buscam telepaticamente e se reencontram, para repetir a mesma aventura da existência passada.

Dois inimigos que lutaram até a morte na existência passada se encontrarão outra vez na nova existência, para repetir sua tragédia na idade correspondente.

Se duas pessoas tiveram uma disputa por bens de raiz, na idade de quarenta anos na existência passada, na mesma idade se buscarão telepaticamente na nova existência, para repetir o mesmo.

Dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas cheias de compromissos, isto é irrefutável.

Um ladrão leva em seu interior uma corja de ladrões, com diversos compromissos delituosos. O assassino leva dentro de si mesmo um “clube” de assassinos, e o luxurioso leva na psique uma “casa de encontros”.

O grave de tudo isso é que o intelecto ignora a existência de tais pessoas, ou eus, dentro de si mesmo e também os compromissos que fatalmente vão se cumprindo.

Todos esses compromissos dos eus que moram dentro de nós acontecem por baixo de nossa razão.

São fatos que ignoramos, coisas que nos acontecem, acontecimentos que se processam no subconsciente e no inconsciente.

Com justa razão nos foi dito que tudo nos acontece, como quando chove ou quando troveja.

Realmente, temos a ilusão de fazer, mas nada fazemos, nos acontece; isto é fatal, mecânico.

Nossa personalidade é tão só um instrumento de diferentes pessoas (eus), mediante a qual cada uma dessas pessoas (eus) cumpre seus compromissos. Por baixo da nossa capacidade cognitiva ocorrem muitas coisas, desgraçadamente ignoramos o que se passa por baixo de nossa pobre razão. Consideramo-nos sábios, quando em verdade nem sequer sabemos que não sabemos.

Somos míseros troncos arrastados pelas ondas embravecidas do mar da existência.

Sair dessa desgraça, dessa inconsciência, desse estado tão lamentável em que nos encontramos só é possível morrendo em nós mesmos.

Como poderíamos despertar sem previamente morrer? Só com a morte advém o novo. Caso o germe não morra, a planta não nasce.
Quem desperta de verdade adquire, por tal motivo, plena objetividade de sua consciência, iluminação autêntica, felicidade.

26 AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL

Foi-nos dito muito sabiamente que temos noventa e sete por cento de subconsciência e três por cento de consciência.

Falando francamente e sem rodeios, diremos que noventa e sete por cento da Essência que levamos em nosso interior se encontram engarrafados, embutidos, absorvidos dentro de cada um dos Eus que, em seu conjunto, constituem o “Mim Mesmo”.

Obviamente, a Essência ou Consciência enfrascada dentro de cada Eu se processa em virtude de seu próprio condicionamento.

Qualquer Eu desintegrado libera determinada porcentagem de Consciência, a emancipação ou liberação da Essência ou Consciência seria impossível sem a desintegração de cada Eu.

Maior quantidade de Eus desintegrados, maior Autoconsciência. Menor quantidade de Eus desintegrados, menor porcentagem de Consciência desperta.

O despertar da Consciência só é possível dissolvendo o Eu, morrendo em nós mesmos, aqui e agora.

Inquestionavelmente, enquanto a Essência ou Consciência estiver embutida dentro de cada um dos Eus que carregamos em nosso interior, se encontrará adormecida, em estado subconsciente.

É urgente transformar o subconsciente em consciente, e isto só é possível aniquilando os Eus, morrendo em nós mesmos.

Não é possível despertar sem haver previamente morrido em si mesmo.

Os que tentam despertar primeiro para depois morrer não possuem experiência real do que afirmam, marcham resolutamente pelo caminho do erro.

As crianças recém-nascidas são maravilhosas, gozam de plena autoconsciência, encontram-se totalmente despertas.

Dentro do corpo de cada criança recém-nascida encontra-se reincorporada a Essência, e isso dá à criatura sua beleza.

Não queremos dizer que cem por cento da Essência ou Consciência esteja reincorporada no recém-nascido, mas sim, os três por cento livres, que normalmente não estão enfrascados nos Eus.

Não obstante, essa porcentagem de Essência livre reincorporada dentro do organismo das crianças recém-nascidas lhes dá plena autoconsciência, lucidez etc.

Os adultos veem o recém-nascido com piedade, pensam que a criatura se encontra inconsciente, mas se equivocam lamentavelmente.

O recém-nascido vê o adulto tal como em realidade é: inconsciente, cruel, perverso etc.

Os Eus do recém-nascido vão e vêm, dão voltas ao redor do berço, querendo se enfiar no novo corpo. Mas, devido a que o recém-nascido ainda não fabricou a Personalidade, toda tentativa dos Eus para entrar no novo corpo é completamente impossível.

Às vezes o bebê se espanta ao ver esses fantasmas ou Eus que se aproximam de seu berço, e então grita, chora, mas os adultos não entendem isso e supõem que a criança está doente, que tem fome ou sede: tal é a inconsciência dos adultos.

À medida que a nova personalidade vai se formando, os Eus que vêm de existências anteriores vão penetrando pouco a pouco no novo corpo.

Quando a totalidade dos Eus já se reincorporou, aparecemos no mundo com essa horrível feiura interior que nos caracteriza, então andamos como sonâmbulos por todas as partes, sempre inconscientes, sempre perversos.

Quando morremos, três coisas vão para o sepulcro:

1. O corpo físico
2. O fundo vital orgânico
3. A personalidade

O fundo vital vai se desintegrando pouco a pouco, como um fantasma, ante a fossa sepulcral, à medida que o corpo físico vai também se desintegrando.

A personalidade é subconsciente ou infraconsciente, entra e sai do sepulcro cada vez que quer, alegra-se quando os desconsolados lhe levam flores, ama seus familiares, e vai se dissolvendo lentamente em poeira cósmica.

Isso que continua mais além do sepulcro é o Ego, o Eu pluralizado, o mim mesmo, um montão de diabos dentro dos quais se encontra enfrascada a Essência, a Consciência, que a seu tempo e à sua hora retorna, se reincorpora.

É lamentável que, ao fabricar-se a nova personalidade da criança, se reincorporem também os Eus.

27 O PUBLICANO E O FARISEU

Refletindo um pouco sobre as diversas circunstâncias da vida, bem vale a pena compreender seriamente as bases sobre as quais descansamos.

Uma pessoa descansa sobre sua posição, outra sobre o dinheiro, aquela sobre o prestígio, aquela outra sobre seu passado, outra ainda sobre tal ou qual título etc.

O mais curioso é que todos, sejamos ricos ou mendigos, necessitamos de todos e vivemos de todos, ainda que estejamos inflados de orgulho e vaidade.

Pensemos um momento no que podem nos tirar. Qual seria nossa sorte em uma revolução sangrenta? Como ficariam as bases sobre as quais descansamos? Ai de nós! Cremo-nos muito fortes e somos espantosamente débeis!

O Eu que sente em si mesmo a base sobre a qual descansamos deve ser dissolvido, se é que em realidade desejamos a autêntica bem-aventurança.

Tal Eu subestima as pessoas, sente-se melhor que todo o mundo, mais perfeito em tudo, mais rico, mais inteligente, mais esperto na vida etc.

É oportuno citar agora aquela parábola de Jesus, o Grande Cabir, acerca dos dois homens que oravam. Foi dita a alguns que confiavam em si mesmos como justos e desprezavam os outros.

Jesus, o Cristo, disse: “Subiram dois homens ao templo para orar; um era fariseu, o outro, publicano. O fariseu, de pé, orava consigo mesmo desta forma: “Graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens, ladrões, injustos e adúlteros, nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes por semana e pago a décima parte dos meus lucros”. O publicano, porém, mantendo-se a distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador”. Digo-vos que este voltou para casa justificado, e não o outro, porque todo o que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado”. (Lucas, 18: 10-14)

Começar a dar-nos conta da própria nulidade e miséria em que nos encontramos é absolutamente impossível enquanto exista em nós esse conceito do “mais”. Exemplos: eu sou mais justo que aquele, mais sábio que fulano, mais virtuoso que sutano, mais rico, mais esperto nas coisas da vida, mais casto, mais cumpridor dos deveres etc.

Não é possível passar através do buraco de uma agulha enquanto sejamos

“ricos”, enquanto exista em nós esse conceito do “mais”.

“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.”

Isso de que minha escola é a melhor e de que a do próximo não serve, isso de que minha religião é a única verdadeira e todas as outras são falsas e perversas, isso de que a mulher de fulano é uma péssima esposa e a minha é uma santa, isso de que meu amigo Roberto é um bêbado e eu sou um homem muito judicioso e abstinente etc.; isso é o que nos faz sentir ricos, motivo pelo qual somos todos como os “camelos” da parábola bíblica, com relação ao trabalho esotérico.

É urgente auto-observar-nos de momento em momento, com o propósito de conhecer claramente os fundamentos sobre os quais descansamos.

Quando alguém descobre aquilo que mais o ofende em dado momento, o incômodo que lhe deram por tal ou qual coisa, então descobre as bases sobre as quais descansa psicologicamente.

Tais bases constituem, segundo o Evangelho Cristão, “as areias sobre as quais cada um edificou sua casa”.

É necessário anotar cuidadosamente como e quando se desprezou os outros, sentindo-se superior, talvez devido ao título ou à posição social, ou à experiência adquirida, ou ao dinheiro etc.

É grave sentir-se rico, superior a fulano ou a siclano, por tal ou qual motivo.

Gente assim não pode entrar no Reino dos Céus.

É bom que cada um de nós descubra em que se sente lisonjeado, em que é satisfeita sua vaidade; isso virá mostrar-nos os fundamentos sobre os quais nos apoiamos.

Contudo, tal classe de observação não deve ser questão meramente teórica, devemos ser práticos e observarmos-nos cuidadosamente, em forma direta, de instante em instante.

Quando alguém começa a compreender sua própria miséria e nulidade, quando abandona os delírios de grandeza, quando compreende quão néscios são tantos títulos, honras e vãs superioridades sobre nossos semelhantes, é sinal inequívoco de que já começa a mudar.

Uma pessoa não pode mudar se ela se aferra a coisas como “minha casa”, “meu dinheiro”, “minhas propriedades”, “meu emprego”, “minhas virtudes”, “minhas capacidades intelectuais”, “minhas capacidades artísticas”, “meus

conhecimentos”, “meu prestígio” etc.

Isso de aferrar-se ao “meu” e a “mim” é mais que suficiente para nos impedir de reconhecermos nossa própria nulidade e miséria interior.

É de assombrar o espetáculo de um incêndio ou de um naufrágio: então as pessoas, desesperadas, apoderam-se muitas vezes de coisas que causam riso, coisas sem importância.

Pobres pessoas! Sentem-se nessas coisas, descansam nessas bobagens, apagam-se a isso que não tem a menor importância.

Sentir a si mesmo por meio das coisas exteriores, fundamentar-se nelas, equivale a estar em um estado de absoluta inconsciência.

O sentimento da “Seidade” (O Real Ser) só é possível dissolvendo todos esses “Eus” que levamos em nosso interior; antes, tal sentimento é absolutamente impossível.

Desgraçadamente, os adoradores do Eu não aceitam isto, eles se creem Deuses, pensam que já possuem esses “corpos gloriosos” de que falara Paulo de Tarso, supõem que o Eu é divino, e não há quem lhes tire esses absurdos da cabeça.

Não se sabe o que fazer com tais pessoas, se lhes explica e não entendem; sempre aferradas às areias sobre as quais edificaram sua casa, sempre metidas em seus dogmas, seus caprichos, suas necessidades.

Se essas pessoas se auto-observassem seriamente, verificariam por si mesmas a Doutrina dos Muitos, descobririam dentro de si mesmas toda essa multiplicidade de pessoas ou eus que vivem em seu interior.

Como poderia existir em nós o real sentimento de nosso verdadeiro Ser, quando esses eus estão sentindo por nós, pensando por nós?

O mais grave de toda essa tragédia é que a pessoa pensa que está pensando, sente que está sentindo, quando, em realidade, é outro o que em dado momento pensa com nosso martirizado cérebro e sente com nosso dolorido coração.

Que infelizes somos! Quantas vezes cremos estar amando, e o que acontece é que outro dentro de nós, dentro de si mesmo, cheio de luxúria, utiliza o centro do coração.

Somos uns desventurados, confundimos a paixão animal com o amor, e, contudo, é outro dentro de nós mesmos, dentro de nossa personalidade, quem passa por tais confusões.

Todos pensamos que jamais pronunciaríamos aquelas palavras do fariseu na parábola bíblica: “Deus, te dou graças porque não sou como os outros

homens” etc.

Não obstante, e ainda que pareça incrível, procedemos assim diariamente. O vendedor de carne no mercado diz: “Eu não sou como os outros açougueiros que vendem carne de má qualidade e exploram o povo”.

O vendedor de tecidos na loja exclama: “Eu não sou como os outros comerciantes que sabem roubar ao medir e que se enriqueceram”.

O vendedor de leite afirma: “Eu não sou como outros vendedores de leite, que o misturam com água. Gosto de ser honrado”.

A senhora de casa comenta em uma visita o seguinte: “Eu não sou como fulana, que anda com outros homens. Graças a Deus sou pessoa decente e fiel a meu marido”.

Conclusão: os demais são malvados, injustos, adúlteros, ladrões e perversos, e cada um de nós é uma mansa ovelha, um “santinho de chocolate”, bom para servir de menino de ouro em alguma igreja.

Quão néscios somos! Pensamos sempre que nunca fazemos essas bobagens e perversidades que vemos os outros fazerem, e por tal motivo chegamos à conclusão de que somos pessoas magníficas. Desgraçadamente, não vemos as bobagens e mesquinharias que fazemos.

Existem momentos estranhos na vida em que a mente repousa, sem preocupações de espécie alguma. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, então advém o novo.

Em tais instantes é possível ver as bases, os fundamentos sobre os quais descansamos.

Estando a mente em profundo repouso interior, podemos verificar por nós mesmos a crua realidade desta areia da vida sobre a qual edificamos a casa. (Veja-se Mateus, 7: 24-29; parábola que trata dos dois cimentos.)

28 A VONTADE

A “Grande Obra” é, antes de tudo, a criação do homem por si mesmo, à base de trabalhos conscientes e sofrimentos voluntários.

A Grande Obra é a conquista interior de si mesmo, de nossa verdadeira liberdade em Deus.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, desintegrar todos esses eus que vivem em nosso interior, se é que em realidade queremos a emancipação perfeita da Vontade.

Nicolas Flamel e Raimundo Lulio, ambos pobres, liberaram sua vontade e realizaram inumeráveis prodígios psicológicos que assombram.

Agripa não chegou mais do que à primeira parte da Grande Obra e morreu penosamente, lutando pela desintegração de seus eus, com o propósito de possuir a si mesmo e fixar sua independência.

A emancipação perfeita da Vontade assegura ao sábio o império absoluto sobre o Fogo, o Ar, a Água e a Terra.

A muitos estudantes de psicologia contemporânea parecerá um exagero o que em parágrafos anteriores afirmamos, com relação ao poder soberano da vontade emancipada; não obstante, a Bíblia nos fala maravilhas sobre Moisés. Segundo Filon, Moisés era um Iniciado nas terras dos faraós, às margens do Nilo, sacerdote de Osíris, primo do faraó, educado entre as colunas de Ísis, a Mãe Divina, e de Osíris, nosso Pai que está em segredo.

Moisés era descendente do patriarca Abraão, o grande mago caldeu, e do respeitável Isaac.

Moisés, o homem que liberou o poder elétrico da Vontade, possui o dom dos prodígios, isto o sabem os divinos e os humanos. Assim está escrito.

Tudo o que dizem as Sagradas Escrituras sobre esse caudilho hebreu é certamente extraordinário, portentoso.

Moisés transforma seu bastão em serpente, transforma uma de suas mãos em mão de leproso, e logo lhe devolve a vida.

Aquela prova da Sarça Ardente colocou bem claro seu poder, o povo compreende, se ajoelha e se prosterne.

Moisés utiliza uma vara mágica, emblema do poder real, do poder sacerdotal do Iniciado nos Grandes Mistérios da Vida e da Morte.

Ante o faraó, Moisés muda a água do Nilo em sangue, os peixes morrem, o rio sagrado fica infectado, os egípcios não podem dele beber; e as irrigações do

Nilo derramam sangue sobre os campos.

Moisés faz mais: faz com que apareçam milhões de rãs desproporcionais, gigantescas, monstruosas, que saem do rio e invadem as casas. Logo, ao seu gesto, indicador de uma vontade livre e soberana, aquelas rãs horríveis desaparecem.

Mas como o faraó não liberta os israelitas, Moisés opera novos prodígios; cobre a terra de sujeira, suscita nuvens de moscas asquerosas e imundas, que depois se dá ao luxo de afastar. Desencadeia a espantosa peste, e todos os rebanhos morrem, exceto os dos judeus.

Colhendo fuligem do forno, dizem as Sagradas Escrituras, atira-a no ar, e, caindo sobre os egípcios, causa-lhes pústulas e úlceras.

Levantando seu famoso bastão mágico, Moisés faz chover granizo do céu, que de forma inclemente destrói e mata. Logo faz estalar o raio flamífero, retumba o trovão aterrador e chove espantosamente; logo, com um gesto, devolve a calma.

Contudo, o faraó continua inflexível. Moisés, com um golpe tremendo de sua vara mágica, faz surgir, como por encanto, nuvens de gafanhotos, logo vêm trevas. Outro golpe da vara e tudo retorna à ordem original.

O final de todo aquele drama bíblico do Antigo Testamento é muito conhecido; intervém Jeová, faz morrerem todos os primogênitos dos egípcios e o faraó não tem mais remédio do que deixar irem os hebreus.

Posteriormente, Moisés serve-se de sua vara mágica para fender as águas do Mar Vermelho e atravessá-las a pé. Quando os guerreiros egípcios se precipitam por ali perseguindo os israelitas, Moisés, com um gesto, faz com que as águas voltem a se fechar, tragando os perseguidores.

Inquestionavelmente, muitos pseudo-ocultistas, ao lerem tudo isso, quiseram fazer o mesmo, ter os mesmos poderes que Moisés, contudo, isto é absolutamente impossível enquanto a Vontade continuar engarrafada dentro de todos e cada um desses eus que carregamos nos diferentes transfundos de nossa psique.

A Essência é Vontade-Consciência, desgraçadamente processando-se em virtude de nosso próprio condicionamento.

Quando a Vontade se libera, então se mescla ou se funde, integrando-se assim com a Vontade Universal, fazendo-se por isso soberana.

A Vontade individual, integrada com a Vontade Universal, pode realizar todos os prodígios de Moisés.

Existem três tipos de atos:

- a) Aqueles que correspondem à Lei dos Acidentes;
- b) Os que pertencem à Lei da Recorrência, fatos sempre repetidos em cada existência;
- c) Ações determinadas intencionalmente pela Vontade Consciente.

Inquestionavelmente, só pessoas que tenham liberado sua Vontade mediante a morte do “mim mesmo” poderão realizar atos novos nascidos de seu livre-arbítrio.

Os atos comuns e correntes da humanidade são sempre o resultado da Lei de Recorrência ou mero produto de acidentes mecânicos.

Quem possui Vontade livre de verdade pode originar novas circunstâncias; quem tem sua vontade engarrafada dentro do eu pluralizado, é vítima das circunstâncias.

Em todas as páginas bíblicas existem relatos maravilhosos de alta magia, vidência, profecia, prodígios, transfigurações, ressurreição de mortos, seja por insuflação, seja imposição de mãos ou pelo olhar fixo na raiz do nariz etc.

Abundam na Bíblia a massagem, o óleo sagrado, os passes magnéticos, a aplicação de um pouco de saliva sobre a parte doente, a leitura do pensamento alheio, os transportes, as aparições, as palavras vindas do céu etc. Verdadeiras maravilhas da Vontade Consciente, liberada, emancipada, soberana.

Bruxos? Feiticeiros? Magos negros? Abundam como erva daninha; mas esses não são Santos, nem Profetas, nem Adeptos da Irmandade Branca.

Ninguém poderia chegar à “Iluminação Real” nem exercer o sacerdócio absoluto da Vontade Consciente, se previamente não houvesse morrido radicalmente em si mesmo, aqui e agora.

Muitas pessoas nos escrevem frequentemente, queixando-se de não possuírem iluminação, pedindo poderes, exigindo-nos chaves que os convertam em Magos etc. Mas nunca se interessam por auto-observar-se, por autoconhecer-se, por desintegrar esses agregados psíquicos, esses eus dentro dos quais se encontra enfrascada a Vontade, a Essência.

Pessoas assim estão obviamente condenadas ao fracasso. São pessoas que cobiçam as faculdades dos Santos, mas de maneira alguma estão dispostas a morrer em si mesmas.

Eliminar erros é algo mágico, por si só maravilhoso, que implica rigorosa auto-observação psicológica.

Exercer poderes é possível quando se libera radicalmente o poder maravilhoso

da Vontade.

Desgraçadamente, como as pessoas têm a Vontade engarrafada dentro de cada eu, obviamente esta se encontra dividida em múltiplas vontades, que se processam cada uma em virtude de seu próprio condicionamento.

Fica claro compreender que, por tal motivo, cada eu possui sua vontade inconsciente particular.

As inumeráveis vontades engarrafadas dentro dos eus se chocam entre si frequentemente, fazendo-nos por tal motivo impotentes, débeis, miseráveis, vítimas das circunstâncias, incapazes.

29 A DECAPITAÇÃO

À medida que alguém trabalha sobre si mesmo, vai compreendendo cada vez mais e mais a necessidade de eliminar radicalmente, de sua natureza interior, tudo isso que nos faz tão abomináveis.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os fatos mais difíceis tornam-se sempre maravilhosos para o autodescobrimento íntimo. Nesses momentos insuspeitados, críticos, afloram sempre, e quando menos o pensamos, os eus mais secretos. Se estamos alertas, inquestionavelmente os descobrimos.

As épocas mais tranquilas da vida são precisamente as menos favoráveis para o trabalho sobre si mesmo.

Existem momentos da vida muito complicados, em que a pessoa tem a marcada tendência de identificar-se facilmente com os acontecimentos e esquecer-se completamente de si mesma.

Nesses instantes a pessoa faz bobagens que a nada conduzem; se estivesse alerta, se nesses mesmos momentos, em vez de perder a cabeça, se recordasse de si mesma, descobriria com assombro certos eus, de cuja existência jamais teve a mais íntima suspeita.

O sentido de auto-observação íntima encontra-se atrofiado em todo ser humano.

Trabalhando seriamente, auto-observando-se de momento em momento, esse sentido se desenvolverá de forma progressiva.

À medida que o sentido de auto-observação prossiga seu desenvolvimento mediante o uso contínuo, iremos nos fazendo cada vez mais capazes de perceber de forma direta aqueles Eus sobre cuja existência jamais tivemos qualquer informação.

Cada um desses eus que habitam em nosso interior realmente assume, ante o sentido de auto-observação íntima, esta ou qualquer figura secretamente afim com o defeito personificado.

Indubitavelmente, a imagem de cada um desses eus tem certo sabor psicológico inconfundível, mediante o qual apreendemos, capturamos instintivamente sua natureza íntima e o defeito que o caracteriza.

No princípio, o esoterista não sabe por onde começar; sente a necessidade de trabalhar sobre si mesmo, mas se encontra completamente desorientado.

Aproveitando os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os

instantes mais adversos, se estamos alertas, descobrimos os defeitos que sobressaem, os eus que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes pode-se começar pela ira ou pelo amor-próprio, ou pelo infeliz segundo de luxúria etc.

É necessário tomar nota sobre todos os nossos estados psicológicos diários, se é que de verdade queremos uma mudança psicológica definitiva.

Antes de nos deitarmos, convém que examinemos os fatos ocorridos no dia, as situações embaraçosas, a gargalhada estrondosa de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates.

Pode ser que tenhamos ferido alguém com uma gargalhada, pode ser que tenhamos adoecido alguém com um sorriso ou com um olhar fora de lugar. Recordemos que, em esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu lugar, mau é tudo o que está fora de lugar.

A água em seu lugar é boa, mas se inundasse toda a casa estaria fora de lugar, causaria danos, seria má e prejudicial.

O fogo, na cozinha e em seu lugar, além de ser útil é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude, por santa que seja, em seu lugar é boa, fora de seu lugar é má e prejudicial. Podemos prejudicar a outros com as virtudes. É indispensável colocar as virtudes em seu lugar correspondente.

Que diríeis de um sacerdote que estivesse predicando a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? Que diríeis de um varão manso e tolerante que estivesse abençoando uma quadrilha de assaltantes que tentassem violar sua mulher e suas filhas? Que diríeis dessa classe de tolerância levada ao excesso? Que pensaríeis sobre a atitude caritativa de um homem que, em vez de levar comida para sua casa, repartisse o dinheiro entre os mendicantes do vício? Que opinaríeis sobre o homem prestativo que em dado instante emprestasse um punhal ao assassino?

Recordai, querido leitor, que entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos.

Ainda que pareça incrível, dentro do próprio perfume da prece também se esconde o delito.

O delito disfarça-se de santo, usa as melhores virtudes, apresenta-se como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da auto-observação íntima se desenvolve em nós, mediante o uso contínuo, poderemos ir vendo todos esses eus que servem de fundamento básico a nosso temperamento individual, seja este sanguíneo ou

nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que você não o creia, querido leitor, por trás do temperamento que possuímos se escondem, dentro das mais remotas profundidades de nossa psique, as criações diabólicas mais execráveis.

Ver tais criações, observar essas monstruosidades do inferno, dentro das quais se acha engarrafada nossa própria Consciência, faz-se possível com o desenvolvimento sempre progressivo do sentido de auto-observação íntima. Enquanto um homem não tiver dissolvido essas criações do inferno, essas aberrações de si mesmo, indubitavelmente, no mais fundo, no mais profundo, continuará sendo algo que não deveria existir, uma deformidade, uma abominação.

O mais grave de tudo isso é que o abominável não se dá conta de sua própria abominação, se crê belo, justo, boa pessoa, até se queixa da incompreensão dos demais, lamenta a ingratidão de seus semelhantes, diz que não o entendem, chora afirmando que lhe devem, que lhe pagaram com moeda falsa etc.

O sentido de auto-observação íntima permite-nos verificar por nós mesmos e de forma direta o trabalho secreto, mediante o qual, em dado tempo, estamos dissolvendo tal ou qual eu (tal ou qual defeito psicológico), possivelmente descoberto em condições difíceis e quando menos o suspeitávamos.

Haveis pensado alguma vez na vida sobre o que mais vos agrada ou desagrada? Haveis refletido sobre os mecanismos secretos da ação? Por que quereis ter uma bela casa? Por que desejais ter um carro último tipo? Por que quereis estar sempre na última moda? Por que cobiçais não ser cobiçoso? O que é o que mais vos ofendeu em dado momento? Que é que mais vos lisonjeou ontem? Por que vos haveis sentido superior a fulano ou a fulana de tal, em determinado instante? A que hora vos sentistes superior a alguém? Por que vos orgulhastes ao relatar vossos triunfos? Não pudestes calar quando murmuravam de outra pessoa conhecida? Recebestes a taça de licor por cortesia? Aceitastes fumar talvez não tendo o vício, possivelmente pelo conceito de educação ou de hombridade? Estais seguro de haver sido sincero naquela conversa? E quando justificais a vós mesmos, quando elogiáis a vós mesmos, quando contaís vossos triunfos e os relataís, repetindo o que antes dissestes aos demais, compreendeis que sois vaidoso?

O sentido de auto-observação íntima, além de vos permitir ver claramente o eu que estais dissolvendo, vos permitirá também ver os resultados patentes e definidos de vosso trabalho interior.

Em princípio, essas criações do inferno, essas aberrações psíquicas que desgraçadamente vos caracterizam, são mais feias e monstruosas do que as bestas mais horrendas que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais profundas da terra; conforme fordes avançando em vosso trabalho, podereis evidenciar, mediante o sentido de auto-observação interior, o fato evidente de que aquelas abominações vão perdendo volume, vão diminuindo.

É interessante saber que, conforme tais bestialidades decrescem em tamanho, conforme perdem volume e diminuem, ganham em beleza, assumem lentamente figura infantil; por último se desintegram, se convertem em poeira cósmica. Então, a Essência enfrascada se libera, se emancipa, desperta.

Indubitavelmente, a mente não pode alterar profundamente nenhum defeito psicológico. Obviamente, o entendimento pode dar-se ao luxo de rotular um defeito com tal ou qual nome, de justificá-lo, de passá-lo de um nível a outro etc., mas não poderia, por si mesmo, aniquilá-lo, desintegrá-lo.

Necessitamos, urgentemente, de um poder flamígero superior à mente, de um poder que seja por si mesmo capaz de reduzir a poeira cósmica tal ou qual defeito psicológico.

Afortunadamente, existe em nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o nome misterioso de Stella Maris, a Virgem do Mar, o Azoe da Ciência de Hermes, a Tonantzim do México asteca, essa derivação de nosso próprio Ser Íntimo, Deus-Mãe em nosso interior, simbolizado sempre com a Serpente Sagrada dos Grandes Mistérios.

Se, depois de haver observado e compreendido profundamente tal ou qual defeito psicológico (tal ou qual eu), suplicamos à nossa Mãe Cósmica particular, pois cada um de nós tem a sua própria, que desintegre, que reduza a poeira cósmica este ou aquele defeito, àquele eu, motivo de nosso Trabalho interior, podemos estar seguros de que o defeito perderá volume e irá se pulverizando lentamente.

Tudo isto implica, naturalmente, sucessivos trabalhos de fundo, sempre contínuos, pois nenhum Eu pode jamais ser desintegrado instantaneamente. O sentido de auto-observação íntima poderá ver o progressivo avanço do trabalho relacionado com a abominação que verdadeiramente nos interessa desintegrar.

Stella Maris, ainda que pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana.

Obviamente, Stella Maris tem o poder efetivo para desintegrar as aberrações que carregamos em nosso interior psicológico.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida à reflexão. Não seria possível mudança psicológica radical alguma se não passássemos antes pela decapitação.

Nosso próprio Ser derivado, Tonantzin, Stella Maris, como potência elétrica desconhecida para a humanidade inteira e que se acha latente bem no fundo de nossa psique, evidentemente goza do poder que lhe permite decapitar qualquer Eu antes da desintegração final.

Stella Maris é esse fogo filosófico que se encontra latente em toda matéria orgânica e inorgânica.

Os impulsos psicológicos podem provocar a ação interna de tal fogo; então a decapitação se faz possível.

Alguns eus costumam ser decapitados no começo do trabalho psicológico, outros no meio e os últimos no final. Stella Maris, como potência ígnea sexual, tem consciência do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não se se tenha produzido a desintegração de todas essas abominações psicológicas, de todas essas lascívia, de todas essas maldições, roubo, inveja, adultério secreto ou manifesto, ambição de dinheiro ou de poderes psíquicos etc., ainda quando nos creiamos pessoas muito honoráveis, cumpridoras da palavra, sinceras, corteses, caritativas, belas interiormente etc., obviamente não passaremos de supulcros pintados de branco, belos por fora, mas por dentro cheios de asquerosa podridão.

A erudição livresca, a pseudossapiência, a informação completa sobre as Sagradas Escrituras, sejam do Oriente ou do Ocidente, do Norte ou do Sul, o pseudo-ocultismo, o pseudoesoterismo, a absoluta segurança de estar bem documentados, o sectarismo intransigente com pleno convencimento etc., de nada servem, porque, no fundo, em realidade, só existe isto que ignoramos: criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem por trás da cara bonita, do rosto venerável, sob a indumentária do líder sagrado etc.

Temos de ser sinceros conosco mesmos, perguntar o que é que queremos, se viemos ao Ensino Gnóstico por mera curiosidade, se não é realmente para passar pela decapitação o que estamos desejando.

Então estamos enganando a nós mesmos, estamos defendendo nossa própria podridão, estamos procedendo de maneira hipócrita.

Nas escolas mais veneráveis da sapiência esotérica e do ocultismo existem

muitos equivocados sinceros, que de verdade querem se autorrealizar, mas não estão dedicados à desintegração de suas abominações interiores.

São muitas as pessoas que supõem que, mediante as boas intenções, é possível chegar à santificação. Obviamente, enquanto não se trabalhe com intensidade sobre esses eus que carregamos em nosso interior, estes continuarão existindo sob o fundo de nosso olhar piedoso e da boa conduta.

Chegou a hora de saber que somos uns malvados disfarçados com a túnica da santidade, lobos com pele de ovelhas, canibais vestidos com roupas de cavalheiro, verdugos escondidos atrás do signo sagrado da cruz etc.

Por muito majestosos que apareçamos dentro de nossos templos, dentro de nossas aulas de luz e harmonia, por mui serenos e doces que sejamos vistos por nossos semelhantes, por mui reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa psique continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Em Psicologia Revolucionária, faz-se-nos evidente a necessidade de uma transformação radical, e esta só é possível declarando guerra de morte a nós mesmos, desapiedada e cruel.

Certamente, todos nós não valemos nada; somos, cada um de nós, a desgraça da terra, o execrável.

Afortunadamente, João Batista nos ensinou o caminho secreto: morrer em nós mesmos mediante a decapitação psicológica.

30 O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE

Não existindo uma verdadeira individualidade, é também impossível que haja continuidade de propósitos.

Se não existe o indivíduo psicológico, se em cada um de nós vivem muitas pessoas, se não há sujeito responsável, seria absurdo exigir de alguém continuidade de propósitos.

Bem sabemos que dentro de cada pessoa vivem muitas pessoas. Então, o pleno sentido de responsabilidade não existe realmente em nós.

O que determinado Eu afirma em dado instante não pode ter seriedade alguma, graças ao fato concreto de que qualquer outro Eu pode afirmar exatamente o contrário, em qualquer outro momento.

O grave de tudo isso é que muitas pessoas acreditam possuir o sentido de responsabilidade moral e se autoenganam, afirmando serem sempre as mesmas.

Há pessoas que, em algum momento de sua existência, vêm aos estudos gnósticos, resplandecem com a força do anseio, entusiasmam-se com o Trabalho esotérico e até juram consagrar a totalidade de sua existência a essas questões.

Inquestionavelmente, todos os irmãos de nosso movimento chegam até a admirar um tal entusiasta.

Não se pode menos do que sentir alegria ao escutar pessoas desse tipo, tão devotas e definitivamente sinceras.

Contudo, o idílio não dura muito tempo. Qualque dia, devido a tal ou qual motivo, justo ou injusto, simples ou complicado, a pessoa retira-se da Gnose. Então, abandona o Trabalho, e, para reparar o erro ou tratando de se justificar, se afilia a qualquer outra organização mística e pensa que agora vai melhor. Todo esse ir e vir, toda essa troca incessante de escolas, seitas, religiões, deve-se à multiplicidade de eus que em nosso interior lutam entre si pela supremacia.

Considerando que cada eu possui seu próprio critério, sua própria mente, suas próprias ideias, é apenas normal essa troca de opiniões, esse mariposear constante de organização em organização, de ideal em ideal etc.

O sujeito em si não é mais que uma máquina, que tanto serve de veículo a um eu como a outro.

Alguns eus místicos se autoenganam: depois de abandonar tal ou qual seita resolvem crer-se deuses, brilham como fogos-fátuos e depois desaparecem. Há pessoas que por um momento se achegam ao Trabalho esotérico, e logo, no instante em que outro eu intervém, abandonam definitivamente esses estudos e se deixam tragar pela vida.

Obviamente, se uma pessoa não luta contra a vida, esta a devora, e são raros os aspirantes que de verdade não se deixam tragar pela vida.

Existindo dentro de nós toda uma multiplicidade de eus, o centro de gravidade permanente não pode existir.

É apenas normal que nem todos se autorrealizem intimamente. Bem sabemos que a autorrealização íntima do Ser exige continuidade de propósitos, e considerando que é muito difícil encontrar alguém que tenha um centro de gravidade permanente, então não é estranho que seja rara a pessoa que chegue à autorrealização interior profunda.

O normal é que alguém se entusiasme pelo trabalho esotérico e logo o abandone; o estranho é que alguém não abandone o trabalho e chegue à meta.

Certamente, e em nome da Verdade, afirmamos que o Sol está fazendo um experimento de laboratório muito complicado e terrivelmente difícil.

Dentro do animal intelectual equivocadamente chamado homem existem germens que, convenientemente desenvolvidos, podem converter-nos em homens solares.

Contudo, convém esclarecer que não é seguro que esses germens se desenvolvam, o normal é que se degenerem e se percam lamentavelmente.

Em todo caso, os germens citados, que hão de converter-nos em homens solares, necessitam de um ambiente adequado, pois é bem sabido que a semente, em um meio estéril, não germina, se perde.

Para que a semente real do homem, depositada em nossas glândulas sexuais, possa germinar, são necessários continuidade de propósitos e corpo físico normal.

Se os cientistas continuam fazendo experiências com as glândulas de secreção interna, qualquer possibilidade de desenvolvimento dos germens mencionados poderá vir a se perder.

Ainda que pareça incrível, as formigas já passaram por um processo similar, em um passado remoto, arcaico, de nosso planeta Terra.

Ao contemplar a perfeição de um palácio de formigas, enchemo-nos de assombro. Não há dúvida de que a ordem estabelecida em um formigueiro é formidável.

Aqueles Iniciados que despertaram a consciência sabem, por experiência mística direta, que as formigas, em tempos de que nem remotamente suspeitam os maiores historiadores do mundo, foram uma raça humana que criou uma poderosíssima civilização socialista.

Os ditadores daquela civilização eliminaram as diversas seitas religiosas e o livre arbítrio, pois tudo isso lhes tirava poder, e eles necessitavam ser totalitários no sentido mais completo da palavra.

Nestas condições, eliminada a iniciativa individual e o direito religioso, o animal intelectual se precipitou pelo caminho da involução e da degeneração. A tudo isso acrescentaram-se os experimentos “científicos”: transplantes de órgãos, glândulas, ensaios com hormônios, etc., cujo resultado foi a diminuição gradual de tamanho e a alteração morfológica daqueles organismos humanos, até que, por último, fossem convertidos nas formigas que hoje conhecemos.

Toda aquela civilização, todos aqueles movimentos relacionados com a ordem social estabelecida, tornaram-se mecânicos e foram herdados de pais para filhos. Hoje, enchemo-nos de assombro ao ver um formigueiro, mas não podemos deixar de lamentar sua falta de inteligência.

Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos espantosamente.

Certamente, o experimento que o Sol está fazendo no laboratório da natureza, além de ser difícil tem dado muito poucos resultados.

Criar homens solares só é possível quando existe verdadeira cooperação em cada um de nós.

Não é possível a criação do homem solar se antes não estabelecemos um centro de gravidade permanente em nosso interior.

Como poderíamos ter continuidade de propósitos se não estabelecemos em nossa psique o centro de gravidade?

Certamente, qualquer Raça criada pelo Sol não tem outro objetivo na natureza que o de servir aos interesses desta Criação e ao experimento solar.

Se o Sol fracassa em seu experimento, perde todo interesse por uma raça e esta fica de fato condenada à destruição e à involução.

Cada uma das Raças que existiram sobre a face da Terra serviu para o experimento solar.

Em cada Raça o Sol conseguiu alguns triunfos, colhendo pequenos grupos de homens solares.

Quando uma Raça já deu seus frutos, desaparece de forma progressiva ou

perece violentamente mediante grandes catástrofes.

A criação de homens solares é possível quando se luta por independizar-se das forças lunares. Não há dúvida de que todos esses Eus que levamos em nossa psique são de tipo exclusivamente lunar.

De modo algum seria possível libertar-nos da força lunar se não estabelecêssemos previamente em nós um centro de gravidade permanente.

Como poderíamos dissolver a totalidade do eu pluralizado se não temos continuidade de propósitos? De que maneira poderíamos ter continuidade de propósitos sem havermos previamente estabelecido em nossa psique um centro de gravidade permanente?

Uma vez que a raça atual, em vez de independizar-se da influência lunar, perdeu todo interesse na inteligência solar, inquestionavelmente se condenou à involução e à degeneração.

Não é possível que o homem verdadeiro surja mediante a mecânica evolutiva. Bem sabemos que a evolução e sua irmã gêmea, a involução, são apenas duas leis que constituem o eixo mecânico da natureza. Evolui-se até certo ponto perfeitamente definido e depois vem o processo involutivo; toda subida é seguida por uma descida, e vice-versa.

Nós somos exclusivamente máquinas controladas por diversos eus. Servimos para a economia da natureza, não temos uma individualidade definida, como supõem de maneira equívoca muitos pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas. Necessitamos mudar, com máxima urgência, a fim de que os gérmenes do homem deem seus frutos.

Só trabalhando sobre nós mesmos, com verdadeira continuidade de propósitos e um completo sentido de responsabilidade moral, podemos converter-nos em homens solares. Isso implica consagrar a totalidade de nossa existência ao trabalho esotérico sobre nós mesmos.

Aqueles que têm a esperança de chegar ao estado solar mediante a mecânica da evolução enganam a si mesmos, e de fato se condenam à degeneração involutiva.

No Trabalho esotérico não podemos nos dar ao luxo da versatilidade; esses que têm ideias volúveis, esses que hoje trabalham sobre sua psique e que amanhã se deixam tragar pela vida, esses que buscam evasivas, justificativas para abandonar o Trabalho esotérico, degenerarão e involuirão.

Alguns dão tempo ao erro, deixam para amanhã, enquanto melhoram sua situação econômica, sem levar em conta que o experimento solar é algo bem distinto de seu critério pessoal e seus costumeiros projetos.

Não é tão fácil se converter em homem solar quando carregamos a Lua em nosso interior (o Ego é lunar).

A Terra tem duas luas, a segunda é chamada Lilith e se acha um pouco mais distante do que a Lua branca.

Os astrônomos costumam ver Lilith como uma lentilha, pois é a Lua Negra. As forças mais sinistras do Ego chegam à Terra desde Lilith e produzem resultados psicológicos infra-humanos e bestiais.

Os crimes da imprensa sangrenta, os assassinos mais monstruosos da história, os delitos mais insuspeitados etc. se devem às ondas vibratórias de Lilith.

A dupla influência lunar, representada no ser humano pelo Ego que carrega em seu interior, faz de nós verdadeiros fracassos.

Se não vemos a urgência de entregar a totalidade de nossa existência ao trabalho sobre nós mesmos, com o propósito de liberar-nos da dupla força lunar, terminaremos pela Lua involuindo, degenerando cada vez mais, dentro de certos estados que bem poderíamos qualificar de inconscientes e infraconscientes.

O grave de tudo isso é que não possuímos a verdadeira individualidade. Se tivéssemos um centro de gravidade permanente trabalharíamos de verdade, seriamente, até chegar ao estado solar.

Há tantas desculpas nessas questões, tantas evasivas, existem tantas atrações fascinantes, que de fato costuma ser quase impossível compreender, por tal motivo, a urgência do Trabalho esotérico.

Contudo, a pequena margem que temos de livre-arbítrio e o Ensino Gnóstico orientado para o trabalho prático poderiam servir de basamento para nossos nobres propósitos relacionados com o experimento solar.

A mente volúvel não entende o que estamos dizendo aqui, lê este capítulo e posteriormente o esquece. Vem outro livro e depois outro, e, finalmente, acabamos nos afiliando a qualquer instituição que nos venda um passaporte para o céu, que nos fale de forma mais otimista, que nos assegure comodidade no além.

Assim são as pessoas, meras marionetes controladas por fios invisíveis, bonecos mecânicos com ideias volúveis e sem continuidade de propósitos.

31 O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO

É urgente estudar a Gnose e utilizar as ideias práticas que damos nesta obra para trabalhar seriamente sobre nós mesmos.

Entretanto, não poderíamos trabalhar sobre nós mesmos com a intenção de dissolver tal ou qual eu sem havê-lo observado previamente.

A observação de nós mesmos permite que penetre um raio de luz em nosso interior.

Qualquer eu se expressa na cabeça de um modo, no coração de outro modo e no sexo de outro modo.

Necessitamos observar o eu que em dado momento detectamos, urge vê-lo em cada um desses três centros de nosso organismo.

No relacionamento com outras pessoas, caso estejamos alertas e vigilantes como o vigia em época de guerra, nos autodescobrimos.

Você se recorda a que hora feriram sua vaidade? Seu orgulho? O que foi que mais o contrariou no dia? Por que teve essa contrariedade? Qual a sua causa secreta? Estude isso, observe sua cabeça, coração e sexo.

A vida prática é uma escola maravilhosa; na inter-relação podemos descobrir esses eus que carregamos em nosso interior.

Qualquer contrariedade, qualquer incidente, pode conduzir-nos, mediante a auto-observação íntima, ao descobrimento de um eu, seja este de amor-próprio, inveja, ciúmes, ira, cobiça, suspeita, calúnia, luxúria etc.

Necessitamos conhecer a nós mesmos antes de poder conhecer os demais. É urgente aprender a ver o ponto de vista alheio.

Se nos colocamos no lugar dos demais, descobrimos que os defeitos psicológicos que atribuímos a outros os temos de sobra em nosso interior.

Amar ao próximo é indispensável, mas alguém não poderia amar os outros se antes não aprende a colocar-se na posição de outra pessoa, no Trabalho esotérico.

A crueldade continuará existindo sobre a face da Terra enquanto não tenhamos aprendido a nos colocarmos no lugar dos outros.

Mas se a pessoa não tiver a coragem de ver a si mesmo, como poderia alguém colocar-se no lugar dos outros?

Por que haveríamos de ver exclusivamente a parte má das pessoas?

A antipatia mecânica para com outra pessoa que, pela primeira vez,

conhecemos indica que não sabemos nos colocar no lugar do próximo, que não amamos o próximo, que temos a Consciência demasiado adormecida.

É-nos muito antipática determinada pessoa? Por que motivo? Talvez beba? Observemo-nos. Estamos seguros de nossa virtude? Estamos seguros de não carregar em nosso interior o “Eu” da embriaguês?

Melhor seria que, ao ver um bêbado fazendo palhaçadas, disséssemos: “Este sou eu, que palhaçadas estou fazendo”.

Você é uma mulher honesta e virtuosa e por isso não lhe agrada certa dama. Por quê? Sente-se muito segura de si mesma? Crê você que dentro de seu interior não tem o eu da luxúria? Pensa que aquela dama desacreditada por seus escândalos e lascívia é perversa? Está segura de que em seu interior não existem a lascívia e a perversidade que você vê nessa mulher?

Melhor seria que se auto-observasse, que em profunda meditação ocupasse o lugar daquela mulher a quem você detesta.

É urgente valorizar o Trabalho Esotérico Gnóstico, é indispensável compreendê-lo e apreciá-lo, se é que em realidade ansiamos por uma transformação radical.

Torna-se indispensável saber amar a nossos semelhantes, estudar a Gnose e levar esse ensinamento a todas as pessoas, do contrário cairemos no egoísmo.

Se alguém se dedica ao Trabalho esotérico sobre si mesmo, mas não dá o ensinamento aos demais, seu progresso íntimo torna-se muito difícil por falta de amor ao próximo.

“O que dá recebe, e quanto mais der mais receberá, mas o que nada dá até o que tem lhe será tirado.” Esta é a Lei.

32 A ORAÇÃO NO TRABALHO

Observação, Julgamento e Execução são os três fatores básicos da dissolução.

Primeiro: Observa-se

Segundo: Julga-se

Terceiro: Executa-se.

Aos espíões na guerra, primeiro eles são observados; segundo, são processados; e terceiro, fuzilados.

Na inter-relação existe autodescobrimento e autorrevelação. Quem renuncia à convivência com seus semelhantes renuncia também ao autodescobrimento.

Qualquer incidente da vida, por insignificante que pareça, indubitavelmente tem por causa um ator íntimo em nós, um agregado psíquico, um eu.

O autodescobrimento é possível quando nos encontramos em estado de alerta percepção, alerta novidade.

“Eu” descoberto em flagrante deve ser observado cuidadosamente em nosso cérebro, coração e sexo.

Um eu qualquer de luxúria poderia manifestar-se no coração como amor, no cérebro como um ideal, mas, ao colocarmos a atenção no sexo, sentiríamos certa excitação mórbida inconfundível.

O julgamento de qualquer eu deve ser definitivo. Necessitamos sentá-lo no banco dos acusados e julgá-lo sem piedade.

Qualquer evasiva, justificativa ou consideração deve ser eliminada, se é que de verdade queremos nos tornar conscientes do eu que desejamos extirpar de nossa psique.

Execução é diferente; não seria possível executar um eu qualquer sem havê-lo previamente observado e julgado.

Oração no trabalho psicológico é fundamental para a dissolução. Necessitamos de um poder superior à mente, se é que na realidade desejamos desintegrar tal ou qual eu.

A mente, por si mesma, nunca poderia desintegrar nenhum eu, isto é irrebatível, irrefutável.

Orar é conversar com Deus. Nós devemos apelar a Deus Mãe em nossa intimidade, se é que na verdade queremos desintegrar eus. Quem não ama a sua Mãe, o filho ingrato, fracassará no Trabalho sobre si mesmo.

Cada um de nós tem sua Mãe Divina particular, individual; ela em si mesma é uma parte de nosso próprio Ser, porém derivada.

Todos os povos antigos adoraram a Deus Mãe no mais profundo de nosso Ser. O Princípio Feminino do Eterno é Ísis, Maria, Tonantzin, Cibele, Reia, Adonia, Isomberta etc.

Se no meramente físico temos pai e mãe, no mais profundo de nosso Ser temos também nosso Pai que está em segredo e nossa Divina Mãe Kundalini. Existem tantos Pais no Céu quantos homens na Terra. Deus Mãe, em nossa própria intimidade, é o aspecto feminino de nosso Pai que está em segredo. Ele e Ela são, certamente, as duas Partes Superiores de nosso Ser íntimo. Indubitavelmente, Ele e Ela são nosso próprio Real Ser, mais além do “Eu” da psicologia.

Ele se desdobra n’Ela e manda, dirige, instrui. Ela elimina os elementos indesejáveis que levamos em nosso interior, sob a condição de um trabalho contínuo sobre nós mesmos.

Quando houvermos morrido radicalmente, quando todos os elementos indesejáveis houverem sido eliminados, depois de muitos trabalhos conscientes e sofrimentos voluntários, nos fundiremos e nos integraremos com o Pai-Mãe; então seremos Deuses terrivelmente divinos, mais além do bem e do mal.

Nossa Mãe Divina particular e individual pode, mediante seus poderes flamígeros, reduzir à poeira cósmica qualquer desses tantos eus que tenham sido previamente observados e julgados.

De modo algum seria necessária uma fórmula específica para orar à nossa Mãe Divina interior. Devemos ser muito naturais e simples ao dirigir-nos a Ela. O menino que se dirige à sua mãe nunca tem fórmulas especiais, diz o que sai do seu coração e isso é tudo.

Nenhum eu se dissolve instantaneamente. Nossa Divina Mãe deve trabalhar e até sofrer muitíssimo antes de conseguir a aniquilação de qualquer eu.

Tornai-vos introvertidos, dirigi vossa súplica para dentro, buscando em vosso interior vossa Divina Senhora, e com súplicas sinceras podeis falhar-lhe.

Rogai-lhe para que desintegre aquele eu que haveis previamente observado e julgado.

Conforme vai se desenvolvendo, o sentido de auto-observação íntima vos permitirá verificar o avanço progressivo de vosso Trabalho.

Compreensão e discernimento são fundamentais, todavia se necessita de algo mais, se é que na realidade queremos desintegrar o mim mesmo.

A mente pode se dar ao luxo de rotular qualquer defeito, passá-lo de um departamento a outro, exibi-lo, escondê-lo etc., mas nunca poderia alterá-lo fundamentalmente.

Necessita-se de um “poder especial” superior à mente, de um poder flamígero capaz de reduzir a cinzas qualquer defeito.

Stella Maris, nossa Divina Mãe, tem esse poder, pode pulverizar qualquer defeito psicológico.

Nossa Mãe Divina vive em nossa intimidade, mais além do corpo, das emoções e da mente. Ela é por si mesma um poder ígneo superior à mente.

Nossa Mãe Cósmica particular, individual, possui Sabedoria, Amor e Poder. Nela existe absoluta perfeição.

As boas intenções e a repetição constante das mesmas de nada servem, a nada conduzem.

De nada serviria repetir: “Não serei luxurioso”. Os eus da lascívia, de todas as maneiras, continuarão existindo no próprio fundo de nossa psique.

De nada serviria repetir diariamente: “Não terei mais ira”. Os eus da ira continuariam existindo em nossos fundos psicológicos.

De nada serviria dizer diariamente: “Não serei mais cobiçoso”. Os eus da cobiça continuariam existindo nos diversos transfundos de nossa psique.

De nada serviria apartarmo-nos do mundo e encerrarmo-nos em um convento ou viver em alguma caverna: os eus dentro de nós continuariam existindo.

Alguns anacoretas cavernários, à base de rigorosas disciplinas, chegaram ao êxtase dos santos e foram levados aos céus, onde viram e ouviram coisas que aos seres humanos não lhes é dado compreender; todavia, os eus continuaram existindo em seu interior.

Inquestionavelmente, a Essência pode escapar do eu à base de rigorosas disciplinas e deleitar-se do êxtase, mas, depois do êxtase, retorna ao interior do mim mesmo.

Aqueles que se acostumaram ao êxtase, sem haverem dissolvido o ego, creem que já alcançaram a liberação, autoenganam-se crendo-se Mestres e até ingressam na Invólucção submersa.

Jamais nos pronunciaríamos contra o arrebatamento místico, contra o êxtase e a felicidade da Alma na ausência do Ego.

Só queremos colocar ênfase na necessidade de dissolver eus para conseguir a liberação final.

A Essência de qualquer anacoreta disciplinado, acostumado a escapar do eu, repete tal façanha depois da morte do corpo físico, deleita-se por um tempo do

êxtase e logo retorna, como o Gênio da Lâmpada de Aladim, ao interior da garrafa, ao ego, ao mim mesmo.

Então, não lhe resta outro remédio senão retornar a um novo corpo físico, com o propósito de repetir sua vida sobre o tapete da existência.

Muitos místicos que desencarnaram nas cavernas dos Himalaias, na Ásia Central, agora são pessoas vulgares, comuns e correntes neste mundo, apesar de que seus seguidores ainda os adorem e venerem.

Biblioteca Gnóstica

Visite o Portal Gnosisonline para conhecer mais acerca
dos Ensinamentos Gnósticos:

<https://www.gnosisonline.org/>

Tradução e revisão ortográfica:

Ali Onaissi (ali.revisor@gmail.com)

Fale Conosco: gnosisonline@gmail.com

PUBLICAÇÃO GRATUITA DE LIVRE DISTRIBUIÇÃO